

2021

**Universidade Federal Fluminense
Faculdade de Educação
EMAR – Escola de Governo –
Maricá – RJ**

**Coletânea
Formação de professores e meios de
comunicação**

**Aroldo Magno de Oliveira
(Org./Ed.)**

**Universidade Federal Fluminense
Niterói – RJ
2021**



Revista Querubim 2021 – Ano 17 – Coletânea Formação de Professores e Meios de Comunicação. – 52p. (outubro – 2021). Rio de Janeiro: Querubim, 2021 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos. I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Andre Silva Martins
Elanir França Carvalho
Enéas Farias Tavares
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luiza Helena Oliveira da Silva
Marcos Pinheiro Barreto
Mayara Ferreira de Farias
Paolo Vittoria
Pedro Alberice da Rocha
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	Cintha Oliveira – Comunicação comunitária nas plataformas digitais: produção audiovisual, cidadania e pensamento crítico	05
02	Cristiane Barroso Dias – Orientação educacional e a arte de comunicar: ação política	13
03	Emerson Ricardo Corrêa – Comunicação comunitária e o papel da escola	19
04	Igor Silva de Souza – A formação política do professor – Florestan Fernandes e os desafios atuais	22
05	Jorge Luiz Silveira Ribeiro – Educação de qualidade e releção crítica para as crianças negras e de periferia: um ensaio sobre a linguagem empregada nas escolas e nos meios de comunicação	26
06	Jorge Moutinho Lima – Uma rápida visão sobre a realidade brasileira inspirada na ficção especulativa de <i>Black Mirror</i>	35
07	Marcelo Silveira Correia – Educação, mídia e tecnodemocracia na comunidade escolar	38
08	Mariana Moraes Rodrigues – Professor: de mestre a algoz	42
09	Sérgio Luiz de Oliveira Mesquita – Direitos humanos, democracia e comunicação	47

Apresentação

A Revista Querubim apresenta uma coletânea de textos – resumos expandidos ou pequenos artigos – como resultado de um projeto desenvolvido junto à Secretaria de Governo/Secretaria de Educação do Município de Maricá/RJ. O projeto consistiu na realização de um curso previsto na Atividade Extensionista “Linguagem e Educação: formação política do professor e meios de comunicação”.

Ao longo do curso foi possível desenvolver reflexões e debates sobre a formação política do professor e os fatores condicionantes nesse processo de formação. Um desses fatores é o conjunto dos meios de comunicação, uma vez que estes são fundamentais para a manutenção e preservação de valores que sustentam a unidade ou coesão social para atender a determinados interesses.

O curso se desenvolveu tendo como professores-coordenadores-palestrantes um grupo de profissionais diretamente envolvidos com questões relativas à comunicação e à educação. Uma diversidade de enfoques sobre o tema foi apresentada e debatida para criar as condições e possibilidades de reflexões mais significativas e aprofundadas sobre o tema proposto.

Direitos Humanos e Comunicação, Escola e Comunicação, Meios de Comunicação Comunitários e outros enfoques foram desenvolvidos em forma de debates e discussões em que todos os envolvidos de fato se “envolvessem”.

Nesse sentido, o resultado é este conjunto de textos que ora disponibilizamos ao público como forma de contribuir e ampliar o debate sobre esse tema que é de suma importância no processo educacional e na formação política do professor, dos estudantes e do nosso povo.

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL, CIDADANIA E PENSAMENTO CRÍTICO

Cinthya Oliveira¹

“ter como meta construir outra hegemonia, fundada na justiça social, nos direitos da cidadania, na diversidade informativa e no pluralismo” (MORAES, 2009, p.53).

Resumo

O cenário midiático com expansão da acessibilidade e ampliação do número de dispositivos nos ambientes digitais deve ser compreendido a partir das relações cotidianas tecidas nas contradições, nas disputas inerentes às relações constituídas entre comunicação e política. Sendo assim, se por um lado o ambiente digital parece propício para a produção e multiplicação de conteúdos audiovisuais, garantindo aos sujeitos sociais o direito de distribuição e expressão como garantia do Direito Humano à Comunicação, por outro, por outro, o volume exponencial de informações provenientes de diferentes plataformas dificulta a ativa atuação dos indivíduos na realização de filtros sobre o que é produzido e entregue. Adicionalmente, a quantificação de possibilidades de acesso aos meios não necessariamente confronta os territórios simbólicos construídos. A partir de reflexões iniciais, este artigo tem como objetivo discorrer sobre os desafios para a constituição da Comunicação Comunitária, enquanto instrumento midiático aliado das instituições educacionais para a formação do pensamento crítico.

Palavras-chave: comunicação comunitária; plataformas digitais; cidadania; pensamento crítico; educação

Resumen

El escenario mediático con expansión de accesibilidad y expansión de dispositivos en entornos digitales debe entenderse desde las relaciones cotidianas tejidas en contradicciones, en las disputas inherentes a las relaciones entre comunicación y política. Así, si por un lado el entorno digital parece propicio para la producción y multiplicación de contenidos audiovisuales, garantizando a los sujetos sociales el derecho a la distribución y expresión como garantía del Derecho Humano a la Comunicación, por otro lado, el volumen exponencial de información El hecho de que provengan de diferentes plataformas dificulta que las personas realicen filtros de forma activa sobre lo que se produce y se entrega. Además, la cuantificación de las posibilidades de acceso a los medios no necesariamente confronta los territorios simbólicos construídos. A partir de las reflexiones iniciales, este artículo tiene como objetivo discutir los desafíos para la constitución de la Comunicación Comunitaria, como un instrumento mediático aliado a las instituciones educativas para la formación del pensamiento crítico.

Palabras-clave: comunicación comunitaria; plataformas digitales; ciudadanía; pensamiento crítico; educación

¹ Doutoranda no PPGMC - UFF

Introdução

A comunicação comunitária deve pautar suas atividades para o interesse público², atuar “canal de expressão do povo, que respeite a diversidade e esteja a serviço de interesse público” (PERUZZO, 2007, p. 52).

Antes da Lei do Cabo, durante 15 anos a TV Comunitária atuou de modo itinerante e intermitente em prol de causas sociais, políticas e culturais. Após 1995 e consequente regulamentação em 1996, foram necessários outros 10 anos para instrução de decreto (5.820/2006) prevendo a existência do Canal da Cidadania juntamente com a criação da TV Digital Aberta. Como sinalizado por Bolaño e Brittos (2007), ao longo desse período, movimentos de avanços e recuos foram percebidos e em muitos desses momentos, com diferentes tipos de intervenção das empresas privadas nas decisões dos governos. Depois de 4 anos, a Portaria 189/2010 foi publicada expondo diretrizes básicas para implantação do Canal da Cidadania e, desde então, outros instrumentos vêm sendo disseminados para nortear sua atuação. Porém, os desdobramentos favoráveis são pontuais e, ainda, de impacto reduzido diante da estrutura econômica e política estabelecida no segmento de TV no Brasil, controlado por empresas privadas.

Por outro lado, com o avanço das tecnologias digitais, é possível observar a consolidação das redes sociais na internet enquanto espaço de expressão, experiências e disputas por visibilidades de comunidades locais. Ao reconhecer o lugar da tecnologia no desenvolvimento da indústria midiática, é essencial considerar o viver do homem e a interdisciplinaridade de suas realizações na sociedade, recorrendo à dialética para compreensão dos impactos das tecnologias digitais no seu cotidiano. Assim, “o pensamento crítico e dialético impõe-se como elemento-chave para afugentar o culto celebratório do novo e o alarido por abundância mercadológicas, bem como para qualificar intervenções autenticamente transformadoras da cena pública” (MORAES, 2009, p.19).

A visão otimista sobre o uso da tecnologia tem como principal fator a redução de distâncias espaciais e temporais, construindo “espaço público” ao permitir que informações estejam acessíveis a todos de modo praticamente simultâneo em diferentes localidades. Se por um lado a tecnologia é reverenciada como recurso endossador da democracia participativa, evidenciando positivismo embasado em argumentos míopes e utópicos, por outro, não podemos negar o seu suporte em mobilizações dos sujeitos sociais e na diversificação de vozes a serem constituídas com a distribuição de conteúdo. Este artigo tem como objetivo discorrer sobre os desafios para a constituição da Comunicação Comunitária, enquanto instrumento midiático utilizado pela, para e com a sociedade como vetor aliado das instituições educacionais para reduzir a concentração de poder sobre a produção e disseminação de conteúdo audiovisual, enquanto fortalece o pensamento crítico dos sujeitos sociais.

Mercado audiovisual e concentração midiática

No cenário brasileiro percebe-se concentração de recursos e de aportes financeiros em basicamente sete grupos econômicos³ de comunicação por radiodifusão em TV Aberta, tornando evidente o desequilíbrio da política pública para com a democracia nos processos de comunicação, também evidenciado pelo descaso com o financiamento e o fomento de canais comunitários.

² Para esse estudo optamos por não aprofundar questões sobre o conceito de público². De modo breve e para o entendimento do exposto, destacamos público como o não privado e não estatal, interesses relacionados ao bem comum.

³ Globo, SBT, Record, Bandeirantes, RedeTV!, CNT e Gazeta (BOLAÑO e BRITTOS, 2005).

Portanto, é essencial a configuração de cenário em que os cidadãos e seu cotidiano sejam representados através da prioritária valorização de produções locais, ainda que em detrimento do segmento privado. Nessa instância, urge a necessidade de intervenção governamental para fomentar as ações de comunicação comunitária, reconhecendo-a de fato como prestação de serviço público que deve estar a disposição de todos os interessados. Ou seja,

o que se almeja agora, nos raios da influência estatal, é um conjunto de programas e ações que diversifique as fontes de emissão, altere leis e marcos regulatórios, estimule meios alternativos e comunitários, apoie a geração e a divulgação de conteúdos regionais e locais e redirecione fomentos e patrocínios à produção audiovisual independente (MORAES, 2009, p.20).

Porém, a omissão do Estado muitas vezes se configura como resposta às táticas de empresas privadas para enfraquecer as ações não hegemônicas, alternativas ou de resistência. Quando ocorrem movimentações para discutir temas que impactam a comunicação, novos direcionamentos são pleiteados para atender interesses mercadológicos. Portanto, ainda que não ditos, ocorrem acordos velados. São estratégias forjadas para a manutenção da hegemonia política e econômica, pois, ainda que de modo granular, movimentos sociais convergentes com as necessidades e os anseios da comunidade podem representar tanto ameaças no microambiente como exemplo para outros grupos que compartilham do ideal democrático nas práticas comunicacionais.

Contudo, esse cenário não se restringe ao Brasil. Segundo Cabral (2015), salvo exceções, a regulação da Comunicação vem seguindo lógicas mercadológicas tanto no território europeu quanto norte-americano, frustrando ou reduzindo o âmbito de atuação de ativistas. E tendo como referência estudos realizados por Chiara Sáez Baeza em relação à televisão alternativa em países como Espanha, Estados Unidos e Venezuela, conclui que o espaço local emerge como campo de batalha, onde os beneficiados são os conglomerados de comunicação, tendo menor relevância ou nenhuma o atendimento das necessidades da sociedade. Desta forma, essa visão reforça e amplia a compreensão de que a regulamentação vai sendo delineada para o favorecimento do Mercado também no âmbito local, tornando as oportunidades de participação de ativistas da comunicação cada vez mais restritas no espaço radioelétrico e buscando construir uma legitimação junto à população em geral através da mobilização pela responsabilidade social e pelo empreendedorismo local (CABRAL, 2015, p.47).

Nesse aspecto, podemos observar o *lobby*⁴ realizado por essas corporações respaldadas pela influência da Indústria Cultural perante o Estado e a sociedade. De modo geral, não são poucos os exemplos de demonstração de poder do mercado cultural, mas no âmbito internacional é simbólica a proximidade de endereço da MPAA (*Motion Picture Association of America*) em Washington, Estados Unidos: praticamente ao lado da Casa Branca. Sobre esse caso, Martel (2012, p.25) insinua que a distância de menos de 200 metros entre ambas as instituições não é acidental, uma vez que a MPAA representa a esfera de atuação política da indústria hollywoodiana. Portanto, através de seus representantes, atua diretamente nos bastidores do Congresso para proteger os interesses de expansão da cultura norte-americana.

Essa proximidade não parece ter exclusividade no cenário norte-americano, uma vez que no Brasil há significativo vínculo entre a política e o audiovisual. No entanto, muito além desses

⁴ Acordos estabelecidos, sob pressão, para garantir a prevalência de privilégios e interesses.

números que explicitam a realidade brasileira de concentração de poder sobre a comunicação, é preciso considerar outras influências redutoras das fronteiras entre interesses econômicos e políticos que permeiam a cadeia audiovisual.

Destarte, tal como objetos de consumo, a cultura também está sujeita ao mercado e consequentemente, às diretrizes políticas e econômicas traçadas pelas empresas privadas. No setor *broadcasting* não é diferente visto que, com o desenvolvimento dos mercados e a evolução tecnológica, intensifica-se a corrida pela maximização de resultados através da aplicação de teorias de Marketing para construção e/ou proteção de monopólios:

Nada é mais esclarecedor do verdadeiro impulso civilizatório do capital que a observação de que a tendência irrefreável da concorrência ao monopólio pode ser explorada do âmbito econômico, em que foi precisamente formulada por Marx, para o campo mais amplo da cultura (BOLAÑO, BRITTOS, 2007, p.51).

Seguindo este entendimento, Bolaño (2000) procura destacar o trabalho intelectual como elemento central da economia política da comunicação. Aponta que a Indústria Cultural como provedora de capital, não só sujeita o trabalho cultural como expõe suas regras e nesse sentido pode ser percebida como função mediadora entre mundo da vida e sistema - composto pelo Estado e capital, elementos expostos nas análises de Habermas.

De fato, as atividades que permeiam a concorrência envolvem estratégias internas e objetivos organizacionais, métodos de produção que seguem economia de escala e de escopo, uso de avançadas tecnologias, aquisições e fusões, além de atuação política e econômica para definição estruturante do mercado. Sob a ótica econômico-comercial, barreiras de entradas são estabelecidas a qualquer novo entrante, incluindo opções que envolvam meios comunitários.

Uma vez que nesse momento ainda é dificultoso realizar ações em escala nacional ou global, busca-se contrapor as práticas conservadoras dos grandes grupos de mídia através de intervenções locais. A intenção é identificar lacunas e promover alternativas diversas às formas dominantes de cultura impostas pela mídia. Trata-se de estratégia de inserção no local diante de cenário que não favorece a democracia. Como as iniciativas ainda são isoladas e encobertas pela cultura de massa, a construção de identidade advém de conhecimentos preconcebidos na sociedade e para ela mesma, assim encrustando esse saber (ou falta de saber) na consciência coletiva através de ideologias disseminadas pelas corporações midiáticas.

Contra esta vertente, MORAES (2009, p.18) defende “experiências que se oponham aos crivos e controles da mídia, introduzindo projetos criativos capazes de descentralizar, progressivamente, os processos comunicacionais e contribuir para o alargamento das margens da diversidade”. Sobre este aspecto, a programação local e pública poderá contribuir para a formação de consciência crítica do cidadão, tornando-o apto a se envolver e discutir temas (hegemônicos ou não).

Comunicação Comunitária: desafios e oportunidades

Sobre as novas tecnologias e seus impactos nas identidades culturais, Martín- Barbero (2003) destaca a dicotomia entre discursos que aparecem apartados, ora retrógrafos (baseados no retorno ao passado), ora evolucionistas (foco na desvalorização do outro/atrasado). Para o autor, este último pensamento “converte o que resta de identidade nas culturas diversas em mera identidade reflexa - não têm valor senão para valorizar, pelo contraste, a identidade da cultura hegemônica - e negativa: o que nos constitui é o que nos falta, o que nos constitui é a carência”.

Tal como exposto por Kellner (2001), apesar da multiplicidade de dispositivos de recepção e avanços na tecnologia, essa não é condição *sine qua non* para a formação de indivíduos mais críticos e aptos a avaliar os conteúdos que lhe são apresentados. Se não houver um esforço da parte de intelectuais e de ativistas para ir de encontro aos modelos hegemônicos, apresentando outras opções à sociedade, não será a tecnologia que por si só fará.

O volume exponencial de informações provenientes de diferentes plataformas (Rádio, TV, Internet, etc.) dificulta a ativa atuação dos indivíduos na realização de filtros sobre o que é produzido e entregue. Adicionalmente, a quantificação de possibilidades de acesso aos meios não necessariamente confronta os territórios simbólicos construídos. Ao contrário, são oportunidades de reforço de mensagens conservadoras emitidas por uma minoria – representantes de empresas privadas. Ademais, a oportunidade de acesso e uso efetivo dos meios como canal dialógico não se estende a todos. Portanto, a democracia advinda do paraíso tecnológico ainda representa uma utopia para a maioria das sociedades, mantendo grupos a margem.

O argumento sedutor da tecnologia continua a encantar estudiosos, profissionais de comunicação e a população em prol da perspectiva de Brecht em relação à “utopia tecnológica de uma sociedade conversacional, dialógica, em que, por meio da radiodifusão, todos poderiam confluir para um consenso, e as massas poderiam exigir diretamente prestações de contas ao Estado” (*cf* SODRÉ, 2002, p.72). No entanto, conforme Gitlin (2003, p. 73) afirma “a tecnologia veio em socorro do gosto fragmentado. Os conglomerados das mídias produziram múltiplos canais para nichos demográficos distintos”, seja através da multiplicação de dispositivos e telas, seja através da ampliada oferta de conteúdos, sob a miopia da diversidade e da inclusão.

Em síntese, a indústria midiática como principal produtor e disseminador de informações, constitui-se como “palco” em que a realidade social é ao mesmo tempo construída e representada a partir de filtros políticos, econômicos, históricos e ideológicos. E, sendo esta a lógica da comunicação de massa, nem sempre os cidadãos são informados ou orientados devidamente, visto que a maioria não possui acesso ou conhecimento sobre alternativas. Nesse caso, o fortalecimento dos meios comunitários e sua legitimação como espaço público democrático pode ir além da prestação de serviços à sociedade a partir da sua apropriação como espaço crítico da comunicação e da educação.

Neste caso, há oportunidade de considerar o cotidiano local como ambiente de rupturas com os sistemas, possibilitando compreender as relações sociais instauradas sobre a base da História - “substância da sociedade” (HELLER, 2000). Ou seja, se a vida cotidiana é essencial para reconhecer o fazer social como parte da História, a reconhecemos como atmosfera propícia para contradições e conflitos. Sendo por este “pano de fundo” que ocorrem os jogos sociais, o esquema de produção de conteúdo televisivo e seu consumo podem proporcionar múltiplas formas de interação e envolvimento.

Com base nessa possibilidade de ruptura, a mídia e seus conteúdos programados são estruturantes do cotidiano e da rotina a partir do momento que organizam as relações sociais ao longo do dia. A ausência da mídia (no caso, TV) e do consumo de seu conteúdo impactam nas relações sociais, sobretudo diante da imersão na tecnicidade a que o homem do século XXI está submetido.

Portanto, no cotidiano e nos hábitos que o permeiam é possível identificar atividades que transformam, ações que tanto são reflexos da dominação quanto do distanciamento, da “suspensão do cotidiano” (HELLER, 2000). Assim, como nas narrativas românticas de Martín-Barbero (2003), a Comunicação Comunitária pode representar convite à experiência, ao engajamento, a sentir a dor e a lutar pela vida, pelo ideal. Enfim, através do subjetivo, expressar a voz do coletivo enquanto a relação do conflito é desenvolvida na cotidianidade - na vida do homem:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano- genérica a ponto de desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente (HELLER, 2000, p.17).

Assim, diante da relevância do cotidiano que atravessa a vida dos homens, Martín- Barbero (2003, p.125) cita que é preciso pensar a midiatização da vida social a partir da hegemonia, rompendo com o positivismo tecnologista, embora mantendo foco no deslocamento histórico e social. Do mesmo modo, faz-se necessário situarmos os estudos críticos da comunicação comunitária sob a perspectiva do consenso a partir de resistências instauradas por movimentos sociais:

Pensar a indústria cultural, a cultura de massa, a partir da hegemonia, implica uma dupla ruptura: com o positivismo tecnologicista, que reduz a comunicação a um problema de meios, e com o etnocentrismo culturalista, que assimila a cultura de massa ao problema da degradação da cultura. Essa dupla ruptura ressitua os problemas no espaço das relações entre práticas culturais e movimentos sociais, isto é, no espaço histórico dos deslocamentos da legitimidade social que conduzem da imposição da submissão à busca do consenso (MARTÍN-BARBERO, 2003 p.125).

Estudos de Heller (2000) mostram-se relevantes para a compreensão dessa realidade na qual o popular é evidenciado como espaço de criatividade (MARTÍN- BARBERO, 2003). É no cotidiano que as relações são constituídas para expressar em pequenas atitudes a disputa pela “batalha ideológica” (MORAES, 2009) em favor de resistência local ao evitar a hegemonia cultural.

Perante o potencial transformador das iniciativas comunitárias para desenvolvimento do pensamento crítico, não nos cabe uma projeção utópica uma vez que são inúmeras as amarras políticas, econômicas, sociais e regulatórias que impedem ou dificultam o avanço de ações. No contexto local, as amálgamas se sobrepõem ao acúmulo de incertezas e às múltiplas camadas de interesses que podem nortear ações que não contemplem o bem comum e a perspectiva pública:

existem casos em que poucas pessoas, que são ou se dizem representantes, conduzem o processo de implantação e gestão de canais comunitários de modo isolado e autoritário, com baixíssima participação das organizações comunitárias locais. Seja por falta de envolvimento e interesse das pessoas ou dessas entidades, por falta de oportunidade de participação ativa ou por discordâncias político- operacionais, o fato é que existem canais comunitários, não muito comunitários, no sentido de falta de um processo partilhado de ação, embora possam estar agindo em favor da ‘comunidade’ (PERUZZO, 2004, p.04).

Porém, mesmo diante de dificuldades, acreditamos que seja possível direcionar esforços para uma utopia que, conforme descreve Moraes (2009, p. 34), “torna-se viável quando consegue traduzir o explícito desejo dos sujeitos de realizarem reorientações na vida cotidiana e mudanças nas esferas social, política, econômica e cultural”.

Considerações finais

As iniciativas comunitárias estão imersas no local com suas diferentes expressões, sendo a cultura da cidade percebida como espaço não só de manipulação, mas de conflito (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 34), onde também é revelado o potencial das relações sociais construídas a partir de dispositivos e conteúdos midiáticos.

Nesta perspectiva, a comunicação comunitária desenvolvida em plataformas digitais pode ser compreendida a partir do seu papel social e da apreensão da realidade local na qual está imersa para projetar ações que possibilitem alternativas de transformação. Faz-se necessário, avaliar as mediações, assim como os movimentos sociais e as práticas culturais que constroem o cotidiano local, tanto quanto as construções propostas pela comunidade. Assim, os estudos sobre a atuação das ações de Comunicação Comunitária devem ser pautados pela constante troca entre cotidiano, mídia e sujeitos, numa dinâmica cíclica construída histórica e socialmente.

A esse respeito, com base em Kellner (2001, p.430), espera-se que as iniciativas comunitárias contribuam para o desenvolvimento da pedagogia crítica da mídia, possibilitando o questionamento das produções hegemônicas para “cultivar a cidadania, ajudando a formar indivíduos imunes à manipulação, capazes de criticar o que recebem da mídia e de obter informações de diversas fontes, criando-se, assim, uma cidadania bem informada e capaz de ter juízos políticos inteligentes”. Com relação aos seus conteúdos, é preciso mobilizar a sociedade para que se envolva nas discussões. Desta forma, torna-se possível a constituição do consenso (MORAES, 2009) para difusão de ideias libertadoras através de ações promovidas por iniciativas comunitárias, sem que tais atividades sejam restritivas.

Portanto, como a linguagem compõe parte do processo social, é possível que através dela sejam traçadas lutas contra a alienação baseadas nas relações cotidianas do “ser, pensar e agir” (MORAES, 2009; SODRE, 2002). Uma vez que a linguagem carrega o modo como o mundo é percebido, incluindo os processos históricos e socioculturais, é através dos códigos que a compõe que se torna possível identificar as representações do cotidiano. Logo, através da linguagem e de seu uso pelas mídias, se permite propor alternativas de mudanças. E conscientes da força do audiovisual, as iniciativas comunitárias em plataformas digitais podem e devem se desenvolver continuamente, embora não reduzam a relevância das demais mídias e expressões comunitárias, as quais devem evoluir para uma atuação integrada e complementar.

Referências Bibliográficas

- BOLAÑO, César. **Indústria Cultural**: Informação e Capitalismo. São Paulo: Hucitec /Polis, 2000.
- BOLAÑO, César; BRITTOS, Valério. **A televisão brasileira na era digital**: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes. São Paulo: Paulus, 2007.
- CABRAL, Adilson. **Nossa TV digital**: o cenário internacional da apropriação social da digitalização da tv. 1 ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2015.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

MARTEL, Frédéric. **Mainstream**. A guerra global das mídias e das culturas. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORAES, Dênis. **A batalha da mídia**. Governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. Pão e Rosas, 2009.

PERUZZO, Cícilia. **TV Comunitária**: dimensão pública e participação cidadã na mídia local. Rio de Janeiro: Mauad-x, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A antropológica do espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E A ARTE DE COMUNICAR: AÇÃO POLÍTICA

Cristiane Barroso Dias⁵

Resumo

A prática da Orientação Educacional na escola pública de Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental em período de distanciamento social causado pela pandemia de Corona Vírus, em 2020, estendendo pelo ano de 2021, no Município de Maricá/RJ, destacando o fazer pedagógico vinculado à ação política dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento, destacando os meios de comunicação utilizados e a forma de linguagem que prioriza a cultura de quem aprende. Constatar a realidade vivida pelos sujeitos envolvidos e apontar as necessidades para uma possível superação de ausências é o proposto. A pesquisa de cunho qualitativa tem na ação do pesquisador os meios de desenvolvimento deste.

Palavras-chave: Educação. Orientação Educacional. Ensino Remoto. Educação Infantil. Comunicação.

Resumen

La práctica de la Orientación Educativa en la escuela pública de Kindergarten y 1er año de Primaria en un período de distanciamiento social provocado por la pandemia del Virus Corona en 2020, que se extiende hasta el 2021, en la ciudad de Maricá / RJ, destacando el hacer pedagógico vinculado a la acción política de los sujetos involucrados en la construcción del conocimiento, destacando los medios de comunicación utilizados y la forma de lenguaje que prioriza la cultura del educando. Se propone comprobar la realidad vivida por los sujetos implicados y señalar las necesidades para una posible superación de las ausencias. La investigación cualitativa se basa en los medios de desarrollo del investigador.

Palabras clave: Educación. Orientación educativa. Enseñanza remota. Educación Infantil. Comunicación.

Para iniciarmos o trabalho

A Orientação Educacional está na escola pública de Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental do município de Maricá, estado do Rio de Janeiro, para orientar da melhor forma possível todos os envolvidos na busca pela Educação, incluindo a si mesmo, através do ato reflexivo da práxis pedagógica, tendo o aluno(a) como protagonista deste processo.

A função de Orientador Educacional (a) é exercida pelo Pedagogo (a) com habilitação em Orientação Educacional. A Orientação Educacional precisa acontecer na escola envolvendo todos os meios/estratégias para assim estimular o pensamento crítico de professores, profissionais da educação, responsáveis pelos alunos e os próprios alunos, com intenção de despertar consciência de mundo a começar pelo hoje através do ato dialógico contínuo.

⁵ Pedagoga formada pela UFF, com Pós Graduação em Profissionais da escola e as Práticas Curriculares (UFF) e Psicopedagogia (UNIPLI). Orientadora Educacional pelo município de Maricá/RJ. Professora Inspetora Escolar pela SEEDUC/RJ. E-mail: cbd.pedagoga@gmail.com

E em tempos de pandemia, causada pelo coronavírus (COVID 19 e suas mutações) desde março de 2020, estendendo-se pelo ano de 2021, essa lógica de ação não pode mudar, porque a essência do ato de educar permanece intacta, o que muda é a forma de desertar a consciência de então.

O Orientador Educacional (a) na escola pública observa, investiga e se sensibiliza com as escutas e contextos oriundos do cotidiano, sendo essa escuta ponto principal de todo o processo de atuação. Com foco no aprender e através do reconhecimento de quem é o sujeito que aprende, sua família, sua professora e todo o universo que o rodeia, pensa e estrutura formas possíveis de dialogar visando o processo de construção do saber.

Não é possível iniciar qualquer trabalho de Orientação Educacional sem a humildade da escuta e isso é perceptível em Paulo Freire quando o mesmo valoriza em seus textos o sujeito que aprende, sua forma cultural de ver o mundo e sentir esse mundo para assim juntos aprenderem, professor, aluno e profissionais da Educação.

Escutar o outro, observá-lo e se colocar no seu lugar é o passo inicial para o levantamento de estratégias que podem culminar na aprendizagem de vida e para a vida de todos os envolvidos no processo de Educação, educar para o hoje, se distanciando assim da visão propedêutica de Educação. Sendo assim, não é possível orientar o outro se o profissional da Orientação Educacional não o reconhece nos seus traços culturais, na sua forma de ver e sentir o mundo.

E quando o Orientador (a) reconhece o outro automaticamente reconhece o seu próprio eu, porque ainda em Freire (1990), entendemos que os homens se educam na troca de experiências culturais, em comunhão. Ao destacar o que vem do outro percebemos o que é nosso por essência. Nesse ponto que o Serviço de Orientação Educacional ganha ainda mais importância em tempos de Educação Remota, pois tem a tarefa de tocar no ser sem atingir a ato individualista tão sugerido pela sociedade do consumo, do lucro, do capital ao qual fazemos parte.

Ser Orientador (a) Educacional em tempos de Educação Remota: Comunicar é preciso.

Nessa nova realidade de vida há uma constante exigência pela reformulação de ações cotidianas. Atualmente o ser humano busca, caminhos que visam a vida com saúde, física e emocional, o que realmente importa é invisível aos olhos, como diz no livro “O Pequeno Príncipe” (1989). O que importa sempre foi importante porque sempre esteve como essencial para o viver, porém estava camuflado nas superfícies das relações humanas. O amor, a paz, o carinho e a fraternidade: palavras cheias de sentido e significado que nos tornam tão especiais neste mundo.

Vida diferente, mas com as ideias de sempre, que por um motivo ou outro ficavam escamoteadas no vai e vem da correria do cotidiano. Firme na proposta de uma sociedade melhor, mais justa, onde cada sujeito se perceba importante e necessário no contexto amplo de cultura ao qual estamos imersos, é que a Orientação Educacional, destaca o ser político, social, econômico e educacional em suas ações na escola. Boaventura nos diz que são através das ecologias de saberes que o novo se fará presente nas nossas vidas:

(...) Por isso que o conhecimento-emancipação tem de ser uma ecologia de saberes, não pode ser simplesmente o saber científico moderno que temos: este é importante, necessário, mas tem de estar incluído em uma ecologia de saberes mais ampla. É muito importante fazer essa mudança, de uma epistemologia baseada somente em uma forma de conhecimento para outra de ecologia. Quando há uma ecologia de saberes, a ignorância não é necessariamente um ponto de partida, pode ser um ponto de chegada (2005, p.54).

Precisamos agir de forma reflexiva para assim planejarmos e repensarmos o nosso viver de modo a favorecer a relação humana baseada na escuta e no diálogo, sendo este processo de comunicação. Se comunicar é preciso! Transportar em palavras para o próximo o que pensamos e refletimos sobre o cotidiano e assim ajudar o mesmo a pensar e refletir sobre as suas questões iniciais que estão envolvidas nesse discurso, há aí um círculo de busca contínua.

A Orientação Educacional na escola é umas das formas de busca por esse mundo novo como já citado. O Orientador (a) Educacional/Educador observa o cotidiano, estranha-o e analisa-o para, posteriormente, junto com seus pares (demais profissionais da escola) levanta estratégias de ensino-aprendizagem que possam acontecer em prol do desenvolvimento dos alunos. O planejamento coletivo faz total diferença para que as práticas democráticas se tornem reais para os alunos, principalmente para os alunos da classe popular.

E em tempos de pandemia isso é crível através da utilização da tecnologia e da internet com o propósito de comunicar para educar. As reuniões pedagógicas, entre toda a equipe de profissionais da escola, são fundamentais para que as trocas aconteçam e as ideias possam fluir de acordo com a proposta pedagógica, pensada pelo coletivo docente no início de cada ano letivo, mas de acordo com as demandas do cotidiano e, sendo o planejamento flexivo, como diz Vasconcellos (2000), acontecem de modo representativo às necessidades de uma época. Hoje a época é da informação pela simples informação. É um desafio caminhar “junto com” na perspectiva de aprender buscando ir além do simples informar, a busca é pela construção do saber entre os pares.

É possível! O diálogo na escola e entre escola e família dinamiza o cotidiano, como numa orquestra onde cada instrumento se faz importante para a magia da melodia acontecer. O belo acontece quando o todo representa e valoriza a parte que se mistura e se embeleza no viver!

O trabalho pedagógico em tempos pandêmicos

O trabalho pedagógico em tempos pandêmicos se caracteriza pelo distanciamento físico dos sujeitos envolvidos no processo de educação sistematizada, entretanto isso não equivale ao distanciamento de ideias. Para que os conteúdos curriculares cheguem ao aluno e os encontros entre os profissionais da Educação aconteçam, a escola faz uso de aplicativos de internet, como *WhatsApp* e plataforma de ensino a distância estabelecida pela Secretaria de Educação do Município. Assim os encontros/aulas entre professores e alunos acontecem virtualmente com a conexão do propósito pela Educação, pelo ensino e pela aprendizagem.

Os assuntos tratados e todo o conteúdo é impresso pela escola e disponibilizado às famílias de modo que o acesso ao saber seja vivenciado pelo aluno, mesmo se ele não possui os meios modernos de comunicação, buscando com esse ato a democratização do conhecimento. Também foi cogitada a utilização de rádio comunitária no bairro onde essa escola de classe popular está

inserida para que os assuntos tocados pela Orientação da escola chegassem democraticamente às famílias dos alunos matriculados, porém não foi possível, já que o bairro não apresenta essa realidade de comunicação local. Isso ocorre através do pensar criticamente o fazer pedagógico. Hegel enfatiza essa ideia nas palavras de Fromm: “...Ele mencionou a ideia assaz poeticamente ao dizer que o sujeito, ao desejar levar um conteúdo a realidade, o faz traduzindo-o da noite da possibilidade para o dia da realidade”(1983,p.38).

A educação é assegurada pela Constituição Brasileira de 1988 no seu artigo 205, porém em tempos de impedimento a frequência aos bancos escolares de modo físico, o meio que a escola adotou foram os mencionados e a solução dada àqueles cidadãos, que por questões socioeconômicas não possuem acesso às tecnologias, foi mediar a situação através da impressão das atividades. Mesmo o aluno adquirindo as atividades em folhas de papel podemos salientar que o mesmo não vivencia as estratégias que a tecnologia é capaz de transportar, podendo haver perdas significativas no seu processo educacional. Escutar a voz do professor, ouvir sua explicação, participar de uma discussão sobre o assunto da aula, assistir a um vídeo... Tudo isso a tecnologia é capaz de transportar até o aluno.

Ressaltamos que a escola sempre precisou da família para que a proposta pedagógica pudesse ser desenvolvida positivamente, entretanto em período pandêmico isso se torna essencial no processo de educação escolar e o Serviço de Orientação Educacional é o elo dessa comunicação, tendo em alguns casos até a função de ida fisicamente até a residência do aluno para assim entender o motivo daquela família em não responder as demandas atuais do processo de escolarização.

A comunicação é fundamental para que a família consiga entender a lógica do ensino sistematizado dentro de tempos remotos, porque o responsável pelo aluno são os olhos e as mãos do professor. A escola depende desse responsável para que a aprendizagem aconteça na vida do sujeito em processo de construção do conhecimento, aí está o valor intrínseco da linguagem.

A Orientação Educacional como comunicação

A Orientação Educacional na realidade atual busca articular formas de diálogo com as famílias dos alunos, com a comunidade escolar e com a equipe docente se fazendo presente no entendimento de como ensinar as atividades pensadas pela escola e seus profissionais.

Depois que o planejamento é feito, o professor dialoga nos grupos do *WhatsApp* com os responsáveis, estes interagem com os professores, fotografias são trocadas e diálogos entre eles acontecem. Periodicamente a Orientação se coloca dentro desses grupos das turmas explicando e expondo as necessidades da escola e buscando que os pais e responsáveis compreendam a importância das atividades escolares e, sobretudo, buscando o entendimento da lógica de cada família, para assim dialogar com o professorado com o objetivo de planejarem e replanejarem o conteúdo do currículo escolar.

Por meio de áudios no grupo do *WhatsApp* das turmas, fotografias da sua imagem pessoal divulgada nesses grupos para que o aluno e o familiar se remetam a pessoa da Orientadora e não perca essa familiaridade, telefonemas aos responsáveis e visitas domiciliares são práticas desta Orientação Educacional. Após o diálogo nos grupos, a Orientação Educacional pesquisa àqueles alunos/responsáveis que não estão frequentando devidamente às aulas e é aí nesse momento que começa a busca por esses alunos e seus responsáveis no privado de cada um, através de ligações telefônicas e por último através de visita domiciliar.

Nesse ponto os registros de cada docente em diários feitos em drives do *Google* possibilitam que todos os profissionais da escola visualizem a realidade da classe em tempo real. O diário da classe que antes era um livro físico, agora em tempos de distanciamento social, é feito virtualmente e atualizado pelo professor frequentemente de modo que o mesmo seja visível no e-mail pessoal de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da escola.

A Orientação Educacional se utiliza da análise dos diários de classes para identificar as famílias que estão precisando de entendimento da frequência escolar e assim todo o processo citado acontece, digo de resgate ao aluno, sempre através do ato dialógico. É preciso que o profissional da Orientação Educacional entenda a lógica da família, do aluno e construa um texto verbal cabível a sua compreensão para haver a comunicação tão necessária e a mudança de atitude aconteça a favor do aluno.

É direito de o aluno aprender e é dever da escola ensinar! Porém, em tempos de pandemia isso acontecerá dependendo do processo de comunicar, já que a família carece entender que mais do que nunca precisa ser presença na vida do aluno através da sua capacidade de educar.

Despertar consciência é a função da Orientação Educacional através da capacidade ímpar de comunicar.

O político no pedagógico em tempos de pandemia

A Orientação Educacional em tempos de pandemia busca dialogar com os docentes na perspectiva de articular o planejamento de modo a envolver a família na construção do conhecimento pelo sujeito que aprende. Essa tarefa precisa estar inserida na proposta pedagógica da escola pensada pelo coletivo e ao mesmo tempo atender as necessidades familiares, da comunidade em si. Atualmente, a educação escolar, estando em atividades híbridas, tem a família como articuladora do tempo e das demandas do aluno. Por isso, a união entre família e escola é o meio propício para o aprendizado acontecer. E o Serviço de Orientação Educacional é o suporte para que o pensar coletivo aconteça em uma mesma direção priorizando a aprendizagem do aluno.

Sendo assim o pedagógico tratado e desenvolvido pela Orientação Educacional assume sua função política quando entende que a relação dialógica entre família e escola em tempos de pandemia e distanciamento social não muda o sentido de valor que a escola possui em meio social, isso é fazer política, como diz Fernandes:

O filho da classe trabalhadora necessita encontrar formas de autoconsciência e auto emancipação intelectual, política e cultural para conseguir romper as correntes que os aprisionam na lógica imposta pelo modo de produção capitalista. (2019, p. 53)

Todos os cidadãos brasileiros possuem o direito ao acesso ao conhecimento, então nos cabe enquanto escola, dinamizar o processo de ensino com características próprias do sujeito que aprende, através das observações feitas do seu cotidiano, das escutas de seus familiares para assim planejarmos as estratégias envolvendo o currículo escolar.

O currículo deve ser vivido pelo aluno de modo concreto, os conteúdos se aproximando do seu universo de vida cultural e somando a este para assim criar as possibilidades de uma nova

realidade de vida, pode proporcionar a este sujeito que aprende um novo olhar sobre a sua realidade. O meio cultural está aí presente no nosso viver e é ele que nos permite construir a nossa forma de ver o mundo e sentir o mundo, porém nós também como sujeitos de aprendizagem somos capazes de olhar essa cultura e com o nosso jeito e com a nossa forma de ser e existir transformá-la. Isso nos torna potente na capacidade de existir.

E isso é fazer política, mudar o mundo a partir da mudança em nós. Certeau afirma: “Uma política se caracteriza pela articulação de uma tática com uma estratégia (...). A verdadeira língua da autonomia é política” (1986, p.159). Nesse sentido, estamos fazendo e desenvolvendo a política dentro de nossas ações pedagógicas quando assumimos todo esse processo mencionado, utilizando os meios necessários: a língua, a linguagem e a comunicação.

Todos por um ou um por todos? Considerações finais

Ter a consciência que a aprendizagem é um ato contínuo e que se caracteriza através de um movimento singular onde os envolvidos se misturam no ir e vir de ideias que perpassam pela linguagem, característica de uma época e de uma cultura formalizada na língua, faz com que as ações pedagógicas e, sobretudo políticas do educador, se potencializem nas suas próprias ações e nas formas de construção do saber pelo aluno.

Esse movimento ímpar, mesmo em tempos pandêmicos, pode mudar rumos, histórias, vidas. É preciso crer. Vamos juntos.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico, 1988.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo Pereira. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**.(cidade): Paz e Terra, 1990.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Círculo do Livro. 1989.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento. Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. São Paulo: Libertad. 2000.
- FROMM, Erich. **Conceito Marxista de Homem**. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1983.
- FERNANDES, Florestan. **A formação política e o trabalho do professor**. São Paulo: Lutas anticapital. 2019.

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E O PAPEL DA ESCOLA.

Emerson Ricardo Corrêa⁶

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estimular reflexões acerca da formação política do professor, do ambiente escolar e comunicação comunitária. O tema proposto é de grande complexidade e exige muitas reflexões. Destacando o professor no contexto do Brasil, país em desenvolvimento e com grades contrastes e desigualdades sociais. Além disso, temos historicamente um currículo escolar como instrumento político vinculado a ideologia do Estado, rompendo com a ideia de neutralidade. As instituições educacionais formais são organizadas para atender aos interesses das classes dominantes, pois dissemina ideologias para a manutenção e fortalecimento do sistema capitalista. O currículo expressa as relações sociais de poder manifestadas nos diferentes grupos sociais representados por etnias, gêneros, classes. É importante salientar que a função social da escola visa formar o cidadão crítico, autônomo e consciente dos seus direitos. Isso só é possível através da troca. A educação como direito de todos e dever do Estado e da Família, promovido e incentivado pela colaboração da sociedade e visando pleno desenvolvimento da pessoa ainda com o seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, ou seja, o educando como sujeito integral. O modo reprodutivista da escola significa uma escola que reproduz o conteúdo enquanto o aluno fica inerte recebendo esse conteúdo. É uma escola que só reproduz os saberes, os conceitos e padrões morais e não trabalha com o aluno em forma de troca.

Palavras-chave: Formação Política; Escola; Currículo; Comunicação Comunitária.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo estimular las reflexiones sobre la formación política del profesorado, el entorno escolar y la comunicación comunitaria. El tema propuesto es de gran complejidad y requiere muchas reflexiones: diferencias sociales. Además, históricamente hemos tenido un currículo escolar como instrumento político vinculado a la ideología del Estado, rompiendo con la idea de neutralidad. Las instituciones educativas formales se organizan para atender los intereses de las clases dominantes, ya que difunden ideologías para el mantenimiento y fortalecimiento del sistema capitalista. El currículo expresa las relaciones de poder social manifestadas en diferentes grupos sociales representados por etnias, géneros, clases. Es importante señalar que la función social de la escuela tiene como objetivo formar ciudadanos críticos, autónomos y conscientes de sus derechos. Esto solo es posible a través del intercambio. La educación como derecho de todos y deber del Estado y de la Familia, promovida y alentada por la colaboración de la sociedad y orientada al pleno desarrollo de la persona incluso con su preparación para el ejercicio de la ciudadanía y su calificación para el trabajo, es decir, el alumno como asignatura integral. El modo reproductivo de la escuela significa una escuela que reproduce el contenido mientras el estudiante está inerte recibiendo ese contenido. Es una escuela que solo reproduce conocimientos, conceptos y normas morales y no trabaja con el alumno a cambio.

Palabras-clave: Formación política; Colegio; Reanudar; Comunicación comunitaria

⁶ Secretaria Municipal de Educação / Maricá RJ. emersonrico@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho, de natureza preliminar e exploratória, procura retomar a discussão de um tema já amplamente estudado — formação política do professor e meios de comunicação — com base num esquema analítico abrangente. Neste sentido, ele deve ser lido mais como um ensaio do que como um artigo formal e acabado. Por isso, algumas "liberdades" são tomadas, como, por exemplo, a menor preocupação com bases de dados ou de informações e a dispensa de citações no texto. Uma nota bibliográfica ao final do texto procura registrar as principais referências nas quais o trabalho se apoia.

Dada sua natureza, o presente trabalho tampouco pretende ser conclusivo. Talvez ajude mais a fazer perguntas e suscitar dúvidas do que a encontrar respostas e dirimir dúvidas. Se assim for, poderá ser visto também como uma proposta de agenda de pesquisa que trate o tema de forma abrangente e na perspectiva histórica. Seu principal objetivo é ressaltar que o tema proposto exige muitas reflexões. A complexidade dos fatores que determinaram historicamente a formação política do professor, e mostrar a necessidade primordial de levar em conta esses fatores no debate atual sobre a necessidade, ou não, de uma política de desenvolvimento do sistema educacional brasileiro.

A partir daí é que se colocam questões específicas, tais como: ambiente escolar, currículo, comunicação comunitária, mundo atual globalizado, tecnológico e político. O princípio básico proposto é o de que há um conjunto amplo de fatores condicionantes do desenvolvimento da formação do professor e dos meios de comunicação, constituindo um sistema complexo, articulado e bastante heterogêneo, que excede em muito os simples reducionismos. Contudo, essa desvantagem precisa ser relativizada.

Método

A metodologia e as técnicas utilizadas para o desenvolvimento desse artigo ocorreram através de discussões durante as aulas síncronas que foram ministradas às segundas e quartas feiras, no período de 26 de abril a 28 de junho de 2021, além da pesquisa bibliográfica, onde foram consultados livros, artigos, teses, revistas e *sites* da internet. Todos os documentos tinham como foco os assuntos que estruturam este estudo.

Resultados e discussões

Com a Pandemia da COVID 19 fomos levados a, rapidamente, precisarmos de nos adaptar a ferramentas digitais. Um avanço tecnológico era a muito tempo esperado na educação, mas os eventos foram precipitados com a necessidade de distanciamento social. Assim, nos últimos meses tivemos que utilizar alguma forma de comunicação remota. A expansão da educação para um modelo híbrido, através da utilização de novas tecnologias, já era uma expectativa. A pandemia tornou a comunicação, o home office, o ensino remoto uma realidade mundial. Educação, saúde, comércio, entre diversos setores, passaram a utilizar ferramentas remotas. Além disso, a migração para atividades remotas exigiu de todos competências didáticas e pedagógicas para planejamento, produção e execução de aulas remotas.

A ideia que a educação virtual ajudaria na pandemia esbarrou em abismos tecnológicos intransponíveis, falta de computadores, internet de qualidade e desigualdades sociais onde grande parte dos alunos estão em vulnerabilidade econômica (um em cada quatro brasileiros está offline).

Infelizmente a escola não sabe lidar com isso. Diante dessas barreiras, adaptar aulas para o rádio foi necessário para ajudar estudantes que não tem acesso à internet. A comunicação comunitária é de grande relevância, pois potencializa a ambientação dos alunos com descobertas e produção de conhecimento.

Atualmente, podemos observar claramente que a “vida virtual” inicia-se cada vez mais cedo, desde antes da alfabetização muitas crianças já começam a usar a internet, principalmente através do celular ou tablet. Essa realidade tem obrigado as escolas e os professores a se prepararem para receber esse novo perfil de aluno. O avanço tecnológico fez aumentar a demanda por informações locais (redes sociais). Saber a respeito do que ocorre em nosso bairro, cidade ou comunidade, e interagir nas discussões, já se tornaram aspectos preponderantes do cotidiano.

Considerações finais

A comunicação comunitária aliada às novas tecnologias pode e deve transformar a realidade de uma comunidade e contribuir junto ao processo evolutivo da “tecnodemocratização” das informações e da educação. As redes sociais são um instrumento que viabiliza comunicações outras, possibilitando uma troca de informações valiosas e auxiliadoras para um desenvolvimento educacional participativo. Tais práticas tornam o aprendizado uma forma de contribuir com a formação do aluno e conseqüentemente tornam viáveis redes outras de comunicação. Nesse contexto é importante destacar que os meios de comunicação quando bem selecionados, contribuem para a formação política do professor e conseqüentemente qualifica a prática pedagógica na Educação Básica.

Referências

- ALVARENGA, M. S. Movimentos Sociais e Poder Local: limites e possibilidades dos conselhos participativos nas lutas pelo direito à educação. In *Perspectivas em Políticas Públicas*; vol. 1 – jan-jun 2008. Belo Horizonte: Lastro Editora, 2008.
- COUTINHO, E.G. (ORG.) *Comunicação e contra hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência* – Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2008.
- CUNHA, L. A. *Educação, Estado e Democracia no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 1991.
- GRAMSCI, A. *A Organização da Escola e da Cultura*. In. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- MORAES, D. *Comunicação alternativa em rede e difusão contra hegemônica*. In: COUTINHO, E.G. (ORG.) *Comunicação e contra hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência* – Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2008.
- VAINER, C. B. *As escalas de poder e o poder das escalas: o que pode o poder local?* In. *Planejamento e Território: ensaios sobre a desigualdade*. Cadernos do IPPUR/UFRJ, ano XVI, n. 1, jan-jul, 2002.

A FORMAÇÃO POLÍTICA DO PROFESSOR – FLORESTAN FERNANDES E OS DESAFIOS ATUAIS

Igor Silva de Souza⁷

Resumo

O presente artigo objetiva destacar a formação política do professor como um aspecto fundamental a ser desenvolvido ao longo não só da graduação, mas também ao longo de sua prática pedagógica. Utilizou-se os pressupostos teóricos de Florestan Fernandes como o principal suporte para desenvolver as reflexões sobre essa temática.

Palavras-chave: formação do professor; política; educação.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo resaltar la formación política del docente como un aspecto fundamental a desarrollar no solo durante la graduación, sino también a lo largo de su práctica pedagógica. Los supuestos teóricos de Florestan Fernandes se utilizaron como principal soporte para desarrollar reflexiones sobre este tema.

Palabras-clave: formación del profesorado; política; educación.

O Brasil e seus dilemas

É fato: o Brasil é um país de enorme abismo social e, por conseguinte, uma grande concentração de renda e poder. Ocorre desde a gênese de sua história, através da colonização pelos portugueses, dos latifundiários, da exploração da terra na modalidade *plantation*, da escravidão de negros africanos e etc... O Brasil é um grande desafio na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, ou, ao menos, menos excludente e sectarista. Bem no interior deste grande abismo social brasileiro, emerge o professor, um produto desta realidade, mas também um pensador, um formador de opinião, um esclarecedor de mentes e, porque não dizer, um ator social com potencial revolucionário.

O professor pode ser tanto um perpetuador do modelo vigente, quanto uma força contrária de intensidade transformadora. É exatamente neste ponto que a discussão sobre a formação política do professor se faz crucial. O caminho da transformação, no atual contexto social e político brasileiro, é indubitavelmente um vislumbrar de esperança além do horizonte. O professor com a adequada formação política não só pode vir a ser esta força transformadora, como pode ser um multiplicador, contagiando a muitos com a visão além da superfície, para que gerações inteiras desfrutem da oportunidade de lutar por algo melhor, por um Brasil menos desigual.

É preciso coragem; não, é preciso mais que coragem, é preciso algo que ultrapassa em muito a formação política: é preciso empatia, é preciso desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro, de se identificar com o choro dos desvalidos, com a fome dos miseráveis, com o grito dos oprimidos. O professor, antes e durante de sua formação, precisa conhecer a dor, essa dor que passa longe dos enregelados corações oligárquicos, a dor que os mais abastados não conhecem e evitam a qualquer custo, fechando o vidro do carro no sinal diante de um pedinte, ou vivendo longe, bem longe, da periferia.

⁷ Professor da Escola Municipal Professor Darcy Ribeiro – Maricá/RJ.

Florestan e a formação política do professor

Florestan Fernandes, em que as ideias foram compiladas em uma obra de título “A formação política e o trabalho do professor”, parece deixar claro: a única forma de romper com esta realidade é através de um processo revolucionário. Neste processo, o professor tem um papel basilar. Segundo este grande pensador da sociedade brasileira:

“(…) O professor precisa se colocar na situação de um cidadão de uma sociedade capitalista subdesenvolvida com problemas especiais e, nesse quadro, reconhecer que tem um amplo conjunto de potencialidades, que só poderão ser dinamizadas se ele agir politicamente, se conjugar uma prática pedagógica eficiente a uma ação política da mesma qualidade” (FERNANDES, 2019)

Uma gama de belas intenções e sensibilidade não tem muito valor se não estiverem conjugadas com uma ação política. A revolução passa por uma ação política. Neste ponto reside a importância de se explicar o que vem a ser uma formação política e uma ação política. A formação seria o esmerado estudo de obras lavradas no materialismo dialético, nos textos marxistas e afins e na consequente compreensão da natureza histórica e social da luta de classes. A ação política, para Florestan, é simples (e ao mesmo tempo nadasimples):

“Porém, nos anos de 1980, há uma evolução do seu pensamento. **Para Fernandes (1989), a conquista dos direitos sociais só poderia se dar por meio de uma revolução, e não simplesmente pela projeção da ciência aplicada e pela democracia,** visão esta em grade medida adquirida pela leitura de Karl Mannheim(1893-1947)” (grifo nosso)

Em resumo, a ação política está em se efetuar a revolução. A opinião deste grande pensador não foi esboçada no início de sua carreira acadêmica, mas sim no apogeu de sua expressão literária, após viver a ditadura militar, o exílio e mesmo ter vivido a experiência de assumir cargos políticos eletivos. Veja, não se trata de citar aqui um jovem professor que, no auge de suas ideias efervescentes, vomita conceitos e verdades marxistas e prega a revolução a qualquer custo. A citação é de Florestan Fernandes quando estava próximo ao fim de sua vida em que, depois de um oceano de leituras e análises sociais, chegou a conclusão que a solução é uma só: a revolução. Não por caminhos democráticos, mas a revolução mesmo, aquela que para muitos é um conceito retrógrado, um anacronismo no mundo globalizado de hoje. Será que o sábio Florestan estava certo? Infelizmente, a resposta a essa pergunta passa pelo necessário meandro de se experienciar a revolução em si, com distribuição de renda, efetiva igualdade jurídica e social, acesso igualitário a todo o tipo de direito, reforma agrária e etc..

Para Fernandes, a democracia brasileira é bastante frágil e restrita, uma democracia de classes dominantes que desenham e comandam o cenário em vigor, ou seja, uma democracia feita e pensada de privilegiado para privilegiado. (SAMPAIO JR, 2014; DEO, 2017 *in* FERNANDES, 2019). Bem, diante disso, o que pensaria o sábio Florestan se vivesse para testemunhar os acontecimentos políticos dos últimos cinco anos? Sem querer polemizar, o que Florestan diria ao viver o *impeachment* da presidente Dilma Roussef e as ações governamentais do atual presidente da república? O que ele diria ao constatar o vertiginoso crescimento das chamadas *fake News*? Bem, estas conjecturas servem ao menos para lembrar o crucial papel que o professor tem na sociedade, exatamente para remar contra esta correnteza de exclusão, desigualdade e negação de direitos.

Para Fernandes, na formação do professor é fundamental que ele entenda sua realidade e a importância do seu papel ante a comunidade que o adorna. O professor precisa ser professor cidadão e um ser humano rebelde. O professor não pode estar alheio a estes acontecimentos, ou a realidade que o cerca, precisa lutar por mudanças dentro da escola e fora dela. Ele precisa pensar e agir politicamente. Não se trata apenas de teoria, de dissertar sobre a importância deste ou daquele fato, é preciso agir (aqui valeria até um ponto de exclamação). O pensamento de Florestan é um caminho de ação, de atitude, de responsabilidade:

Pensar politicamente é alguma coisa que não se aprende fora da prática.

Se o professor pensa que sua tarefa é ensinar o ABC e ignorar a pessoa dos seus estudantes e as condições em que vivem, obviamente não vai aprender a pensar politicamente ou talvez vá agir politicamente em termos conservadores, prendendo a sociedade aos laços do passado, ao subterrâneo da cultura e da economia. (FERNANDES, 2019, p 71, 41, grifo nosso)

Não há transformação sem luta, sem embate e confronto. Assim sendo, o papel do professor está em pensar a revolução, as mudanças políticas.

Informação e (des)construção da verdade

Aqui vale uma contextualização do Brasil da época de Florestan poucos anos antes de sua morte. Não um Brasil muito diferente do atual em suas bases históricas e sociais. O país vivia, no início dos anos 90, por conta de seu momento político, uma época de euforia democrática. Muitos eram os fóruns públicos que discutiam direitos humanos, qualidade de vida, meio ambiente, moradia e várias outras questões ligadas a *coisa pública*. A crescente cifra de pobres viabilizava as promessas de uma cidadania ampliada pela criação de esferas públicas de explicitação de conflitos e dissensos, nas quais homens e mulheres se fazem reconhecer como sujeitos que reivindicam direitos.

Nesse cenário, surge em 1993 a Campanha Contra a Fome, que abriu espaço notável para debates e busca de soluções para a pobreza, de um modo geral, envolvendo ONGs, empresários, técnicos, profissionais liberais, empresas estatais e etc., tratando sobre as difíceis relações entre economia e direitos. Era um debate que chamava a atenção para as responsabilidades públicas na crise social no Brasil, com oposição de projetos distintos em um espaço de discussão, ligados aos rumos da sociedade brasileira. Um cenário promissor.

Segundo Vera Telles, em 1994, (um ano antes da morte de Florestan), toda a cartografia deste debate público se desfez, sem deixar rastros, com a divulgação do Plano Real. Historicamente, a partir deste momento ocorre o que Telles chama de *corrosão dos direitos*. Este é um momento pontual em nossa história, onde há um deslocamento da pobreza como questão de figuração pública de problemas nacionais para o lugar da não-política, quando é representada como dado a ser administrado tecnicamente ou gerido pelas práticas de filantropia. O campo social é despolitizado, “terceirizado”. Propagandas, pronunciamentos, artigos em jornais e revistas reforçavam a construção deste argumento de afastamento do Estado das políticas sociais.

Este é o ponto em que a questão da informação se torna importante. As mídias da época apregoavam que as medidas de afastamento do estado nas questões sociais e a ações de motivação estritamente neoliberal eram a prova do avanço e a esperança do melhor. As mentiras eram tão enfáticas e frequentes que pareciam mesmo verdade. Questionar era sinal de atraso, de ignorância ou fanatismo esquerdista. Alguma semelhança com os dias de hoje?

Esta mudança no campo dos direitos sociais foi encarada, ao longo da década de 90, como símbolo da modernidade, bem como tudo aquilo que está ligado à necessidade de adaptação às exigências dos órgãos multilaterais de representação do capital financeiro e do neoliberalismo, assim como as privatizações, os cortes nos gastos públicos e as medidas políticas geradoras da recessão econômica. Segundo Telles, essa é talvez a dimensão mais perversa da demolição das políticas públicas, pois fazem as relações humanas retrocederem ao estatuto de mercadoria. Quase trinta anos depois, vive-se este mesmo ciclo de informações embasadas no liberalismo, promovendo a acentuação da exclusão e da desigualdade. O professor é o ser social que deve provar que a mentira repetida muitas vezes não se transforma em verdade.

Conclusão

A formação política do professor tem uma finalidade clara: fazer o professor um ser político atuante e multiplicador das ideias com potencial transformador. Fazer do professor um ser de ação, de prática, de combate as desinformações para trazer a tona não só a realidade, mas como revolucionar a realidade. Contudo, o maior desafio, seja talvez o romper da inércia, acreditar que uma revolução é possível e lutar por isso. Lutar por uma escola democrática, lutar pela promoção da auto-emancipação intelectual do trabalhador, lutar pela politização da classe trabalhadora, lutar contra as *fake News*, lutar contra as instituições burguesas solidificadas no sistema capitalista, lutar contra os interesses do capital internacional e o neoliberalismo, lutar contra um modelo de escola que perpetua e reproduz a dominação da classe dominante e enfraquece a formação da consciênciapolítica, lutar por uma sociedade mais igualitária e justa.

Referências bibliográficas

- FERNANDES, Florestan: *A formação política e o trabalho do professor*. 1ª Ed, Lutas Anticapital, 2019.
- TELLES, Vera. *Direitos Sociais e Direitos dos Trabalhadores: por uma ética de cidadania e de justiça*. in BÓGUS, Lucia e PAULINO, Ana Yara (orgs.). *Políticas de Emprego, Políticas de População e Direitos Sociais*. São Paulo, EDUC, 1997.
- TELLES, Vera da Silva. *A nova questão social brasileira*. Praga, São Paulo, nº 6, setembro de 1998
- TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e Cidadania*. São Paulo, Ed. 34, 2001

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE E RELEXÃO CRÍTICA PARA AS CRIANÇAS NEGRAS E DE PERIFERIA: UM ENSAIO SOBRE A LINGUAGEM EMPREGADA NAS ESCOLAS E NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

Jorge Luiz Silveira Ribeiro⁸

Resumo

A educação, como um dos direitos constitucionalmente previstos a todos e como dever do Estado, infelizmente, ainda reproduz muitas desigualdades no acesso às informações, principalmente, no que tange aos jovens negros e da periferia. Muitas vezes as políticas públicas imaginadas para a educação desses jovens não são eficazes e os aprisionam num lugar de exclusão. Essa reprodução de abismos pode ser acentuada pelo tipo de linguagem empregada, tanto no sistema educacional, pelos profissionais de educação, como no meio jornalístico e publicitário, por exemplo, ao noticiar um fato ou fazer propaganda de um produto. Neste caminho, será analisado o texto publicitário utilizado em uma matéria publicada na Revista Veja, sobre uma nova cola de sapateiro que não contém substância alucinógena. No entanto, para tal, utiliza uma imagem de crianças com tarja preta no rosto, sugerindo que estas seriam potenciais usuários do produto, aprisionando-as a este lugar perverso.

Palavras-chave: Educação. Jovens. Exclusão. Políticas públicas. Desigualdade social. Publicidade.

Abstract

Education, as one of the rights constitutionally provided for everyone and as a duty of the State, unfortunately, still reproduces many inequalities in access to information, especially with regard to young black people and slum dwellers. Often the public policies designed for the education of these young people are not effective and imprison them in a place of exclusion. This reproduction of abysses can be accentuated by the type of language used, both in the educational system, by education professionals, and in the journalistic and advertising environment, for example, when reporting a fact or advertising a product. In this way, the advertising text used in an article published in *Veja Magazine* will be analyzed, about a new shoemaker's glue that does not contain a hallucinogenic substance. However, to do so, it uses an image of children with black stripes on their faces, suggesting that they would be potential users of the product, imprisoning them in this perverse place.

Keywords: Education. Young people. Exclusion. Public policy. Social inequality. Advertising

Introdução

O tema do curso nos provoca a refletir a formação, a preparação e a qualificação do professor para atuar em sala de aula, principalmente neste momento de abandono e ausência de investimento na Educação Básica.

A formação crítica do professor, a reflexão e a democratização dos meios de comunicação auxiliarão na compreensão e na sustentação de argumentos para atuarmos contra a exclusão, o analfabetismo e o fisiologismo de governos que se apresentam como democráticos, mas que em a prática demonstram muitas faces de autoritarismo.

⁸ Secretaria Municipal de Educação – Maricá/RJ.

A classe de educadores forjados no sistema capitalista terá que repensar seu papel como educador para enfrentar essas correntes ideológicas, que sufocam a prática democrática da Educação inclusiva e de qualidade.

Por isso, devemos nos fortalecer para uma nova concepção de mundo, por uma nova sociedade e criando espaços para sujeitos em crescimento para uma cidadania plena e, para tanto, é preciso estar atento à linguagem empregada, não só pelos meios de comunicação, mas também no ambiente escolar e nas atividades pedagógicas.

É necessário ter cuidado para não reproduzirmos um discurso desigual e perverso, que aprisiona crianças negras e periféricas em espaços nos quais são vistas como incapazes de mudar sua própria realidade.

A educação brasileira está longe em alcançar a juventude pobres e moradores de territórios marginalizados. O MEC, as Prefeituras e os Estado não aplicam as verbas suficientes para atender outras demandas como a fome, a violência dentro e fora de casa, a carência de apoio psicológico, precariedade ou ausência no acesso à internet e aos meios de comunicação de massa, como outras.

A escola tem de assumir um papel enquanto espaço para criatividade e pensamento livre e crítico. Os alunos não devem ser como depósito de informações, eles precisam se sentir livres para desenvolver um pensamento crítico. Todo jovem é cidadão legítimo para receber uma formação humanista e questionadora.

A escola não pode ser engessada e nem bancária, como observou Paulo Freire, o aluno não é um banco, em que são depositados ideias, os professores não podem pensar que os estudantes são sujeitos passivos de conteúdo.

A educação tem de problematizar as inúmeras necessidades dos cidadãos. O estudante não pode ser passivo e nem uma vasilha vazia aguardando para ser preenchida de arquivos. Uma educação revestida de caráter problematizador incentiva os alunos para mudar a sociedade e enfrentar os problemas sociais.

Este trabalho visa abordar através da imagem e do texto publicitário uma realidade que já faz parte do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, como do Brasil. É sobre o consumo de drogas pelas crianças e jovens que circulam pelos bairros do Rio. Procuramos analisar uma matéria da Revista Veja que, através da publicidade/propaganda, faz a defesa de uma nova cola de sapateiro que não contém substância alucinógena, o tolueno, e assim não seria maléfica a saúde. Ao promover o produto, a empresa através da propaganda, utiliza uma imagem com rostos de crianças levando uma tarja em seus olhos e um texto defendendo o valor desse produto, como também comentando sobre a perda de clientes, no caso as crianças, possíveis consumidores da cola.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8069/1990, promovem a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes enfatizando uma proposta de inclusão e participação cidadã: moradia, proteção, alimentação, assistência médica e no acompanhamento das mesmas em situação de risco e abandono, conforme legislação:

“A criança desfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos serão outorgados a todas as crianças, sem qualquer exceção, distinção ou discriminação por motivos de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra natureza, nacionalidade ou origem social, posição econômica, nascimento ou outra condição, seja inerente à própria criança ou à sua família. A criança gozará de proteção especial e disporá de oportunidade e serviços, a serem estabelecidos em lei por outros meios, de modo que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será o interesse superior da criança.”

Art. 3º - *A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Art. 4º* - *É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.*¹⁰

De acordo com os documentos citados acima é dever dos pais e do Estado garantir a segurança, a educação e o bem-estar dessas crianças. No entanto em nosso país é cada vez mais comum encontrarmos, sobretudo nas grandes cidades, menores abandonados. É uma realidade cruel vivida pela maioria de nossas grandes metrópoles. Como também é instantânea a associação desses meninos com o vício. Há alguns anos atrás a cola de sapateiro era o entorpecente mais utilizado por eles, porque devido ao teor químico contido nela, bloqueava o desejo de consumir alimentos, ou seja, ela tirava a fome dessas crianças. Hoje, em substituição a cola de sapateiro, eles utilizam o crack que causa uma dependência mais rápida e é considerada a mais nociva das drogas.

A propaganda da nova cola traz, dentro de sua imagem, a visão do senso comum, ou seja, a imediata associação desses meninos com as drogas, passando uma imagem negativa e preconceituosa desses moradores de rua.

Esta realidade é uma notória em nosso país, no entanto é preciso lembrar que existe toda uma questão social a ser resolvida que exige do Estado um investimento maciço em políticas públicas nas áreas de educação, saúde, moradia, etc.

É preciso que a sociedade se pergunte o porquê esses meninos estão nas ruas e não com suas famílias, recebendo educação em uma escola pública de qualidade e sendo assistido em sua saúde e educação cidadã de inclusão. O que ocorre mais comumente é a associação desses meninos com o crime, a chamada criminalização da pobreza, pobreza essa que é marcadamente negra e de periferia. Então qual o objetivo da propaganda da cola Amazonas? Que público ela quer alcançar? Que imagem ela quer passar?

⁹ http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm

¹⁰ <http://www.promenino.org.br/Ferramentas/Conteudo/tabid/77/ConteudoId/f21219e5-5dfe-4e5b-b99a-56f91288bae1/Default.aspx>

A propaganda tem a função de informar, persuadir, convencer e formar a opinião pública e que está ligada ao discurso publicitário que dota o produto de atributos e de carga simbólica. Utilizar-se-á a seguinte definição de símbolo:

“é o que se relaciona com o objeto devido à associação convencional de idéias. Nada há, portanto, de qualidades ou vinculações diretas com o objeto representado. Mediante “lei” – fruto de pacto coletivo-, um signo é tomado como representante de um objeto (...) que nasce em virtude de ser diretamente afetado pelo objeto.”¹¹

Percebe-se que o texto publicitário, em momento algum, pensou nas crianças que estão abandonadas nas ruas e que precisam de tratamento urgente, pois são dependentes químicos e necessitam de atendimento e cuidados. Por que só depois do acontecido a sociedade passou a enxergar o problema do crack no Rio de Janeiro? Percebe-se uma contradição do Estado em preservar a saúde e integridade física de um representante da classe média, que estudou em uma boa escola e teve acesso às informações em comparação às crianças que lutam nas ruas por sua sobrevivência. Quando um jovem branco e de classe média é atingido pelo problema do crack a sociedade parece acordar e perceber que essa é uma das mazelas de nosso país. Todavia, em muitos lugares de nosso país, jovens e até crianças têm suas vidas destruídas pelo crack.

Refletimos sobre esse sistema capitalista de exclusão que anula o ser humano e o coloca à margem da sociedade. Para que haja aceitação, para que o indivíduo faça parte de um grupo, é preciso consumir, possuir, ter. Se você não pode consumir está fora do jogo. Um bom exemplo de como esse desejo de consumo, que é perpetrado por um sistema capitalista cruel, pode levar meninos a se envolverem com o crime é bem apresentado no documentário **“Notícias de uma Guerra Particular”** de João Moreira Salles e Kátia Lund. Neste documentário os autores mostram o desejo de jovens das favelas da zona sul do Rio de Janeiro em possuir os tênis da marca “Mizuno” e para tal envolve-se com tráfico de drogas para obter dinheiro. Dois outros filmes vão contribuir para o debate em nossa sociedade sobre crianças e jovens em situação de risco, pois mostram imagens degradantes de jovens presos em delegacias superlotadas e com precárias condições de higiene; ou de crianças consumindo cocaína em suas comunidades. São respectivamente: **“Justiça”**, da cineasta Maria Augusta Ramos e **“Uma Avenida Chamada Brasil”**, do diretor Octávio Bezerra.

PIVETE¹²

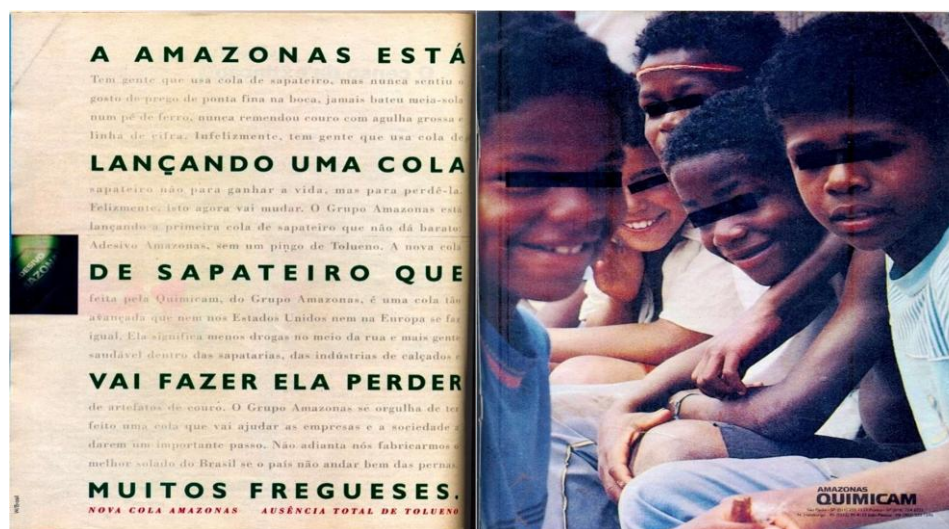
Chico Buarque

No sinal fechado	Arromba uma porta
Ele vende chiclete	Faz ligação direta
Capricha na flanela	Engata uma primeira
E se chama Pelé	E até
Pinta na janela	Dobra a Carioca, olerê
Batalha algum trocado	Desce a Frei Caneca, olará
Aponta um canivete	Se manda pra Tijuca
E até	Na contramão
Dobra a Carioca, olerê	Dança pára-lama
Desce a Frei Caneca, olará	Já era pára-choque
Se manda pra Tijuca	Agora ele se chama
Sobe o Borel	Emersão (Airtão) **
Meio se maloca	Sobe no passeio, olerê
Agita numa boca	Pega no Recreio, olará
Descola uma mutuca	Não se liga em freio

¹¹ Definição retirada do material didático da Professora Kátia Rebelo. Apostila 1, página 6.

¹² HOLANDA, Chico Buarque de. HIME, Francis. Pivete. 1978.

E um papel Sonha aquela mina, olerê Prancha, parafina, olará Dorme gente fina Acorda pinel Zanza na sarjeta Fatura uma besteira E tem as pernas tortas E se chama Mané	Nem direção No sinal fechado Ele transa chiclete E se chama pivete E pinta na janela Capricha na flanela Descola uma bereta Batalha na sarjeta E tem as pernas tortas
--	---



Revista Veja, Edição 1 155, Ano, 23 número 44, 7 novembro de 1990.

“Tem gente que usa cola de sapateiro, mas nunca sentiu o gosto de prego de ponta fina na boca, jamais bateu meia-sola num pé de ferro, nunca remendou couro com agulha grossa e linha de cifra. Infelizmente, tem gente que usa cola de sapateiro não para ganhar a vida, mas para perdê-la.

Felizmente, isto agora vai mudar. O Grupo Amazonas está lançando a primeira cola de sapateiro que não dá barato: Adesivo Amazonas, sem um pingote de Tolueno. A nova cola feita pela Quimicam, do Grupo Amazonas, é uma cola tão avançada que nem nos Estados Unidos nem na Europa se faz igual. Ela significa menos drogas no meio da rua e mais gente saudável dentro das sapatarias, das indústrias de calçados e de artefatos de couro. O Grupo Amazonas se orgulha de ter feito uma cola que vai ajudar as empresas e a sociedade a darem um importante passo. Não adianta nós fabricarmos o melhor soldado do Brasil se o país não andar bem das pernas.”¹³

¹³ Texto retirado da publicidade da cola de sapateiro Amazonas.

A teoria sobre imagem está dividida em dois domínios: o das imagens visuais; (desenhos, pinturas, fotografias, imagens cinematográficas, televisivas, entre outras); e o do imaterial, das imagens mentais (visões, fantasias, imaginações). (SANTAELLA e NOTH, 2001:15).

A fotografia que compõe a propaganda da empresa Amazonas, onde crianças negras são mostradas e destacadas em um primeiro plano, apresenta um contexto de discurso publicitário pejorativo e ideológico de propaganda *contraintuitiva* tratando de abandono, miséria e vício. Para o teórico russo Bakhtin, a ideologia está relacionada ao signo, e nesse caso o produto publicitário, a cola, é um signo ideológico de pureza e bem-estar, veiculado pela empresa, para que a sociedade consuma o produto sem medo, nesse caso, sapateiros e as indústrias de calçados e couro.

A logomarca da empresa “AMAZONAS” nos remete para a ideologia de mercado e do consumo, pois, associa-se ao estado brasileiro que é sinônimo do espaço geográfico da maior floresta do planeta, a Floresta Amazônica. Portanto, apesar da marca da empresa nos remeter ao verde, ar puro, a propaganda diverge dessa idéia. Embora a nova cola seja desprovida de tolueno- e é essa a informação principal que a propaganda deseja transmitir- a imagem principal de meninos negros sentados em um meio-fio remete a um problema social comum nas grandes cidades do Brasil. No texto publicitário a nova cola sem tolueno seria a solução desse grave problema social, uma vez que não possui nenhum tipo de alucinógeno. A empresa coloca a nova cola como parte da solução de graves problemas sociais do país, pois ela ajudaria o Brasil a dar um grande passo.

Pode-se observar que a propaganda/publicidade da cola de sapateiro Amazonas faz uma associação direta entre o uso de drogas – o tolueno contido nas colas de sapateiro comuns- e aos meninos de rua. Utilizando a imagem de meninos- em sua maioria negros, sentados enfileirados provavelmente em um meio-fio- parece querer mostrar que eles são consumidores do produto e seriam os maiores beneficiados com a nova cola desprovida de tolueno.

A imagem dos meninos de rua possui uma associação automática com a cola de sapateiro pois, “a imagem é algo que tem familiaridade com o objeto, ou seja, ela é percebida como signo analógico, já que guarda propriedades do objeto”.¹⁴

A referida propaganda passa uma mensagem de resolução de um dos problemas mais graves de nossa sociedade que é o abandono de nossas crianças fora das escolas, nas ruas e a degradação de sua saúde pelo uso de drogas como a cola de sapateiro. Excluídos da sociedade, vivendo à margem, esquecidos pelo Estado esses meninos são colocados na dita propaganda como os consumidores mais beneficiados com esse novo produto. Em momento algum a dita empresa menciona um projeto social que possa ajudar esses meninos em situação de abandono. De maneira um tanto quanto pretenciosa afirma que seu produto ajudará o país a “dar um grande passo, a ficar bem das pernas”.

Usando a imagem de meninos negros abandonados sem dúvida reflete uma imagem que já se perpetuou no senso comum de negro-pobre-marginal. Menores que quando são retirados da sociedade pelo próprio Estado- que teoricamente junto com os pais também teriam a função de cuidar, propiciar uma formação educacional e proteger essas crianças- são encarcerados apenas sem que haja nenhum tipo de assistência efetiva para sua recuperação das drogas e da sua vida como um todo. Esse tipo de propaganda só ajuda a aumentar os estigmas e preconceitos com relação a esse segmento da sociedade.

¹⁴ Citação retirada do material didático da Professora Kátia Rebelo. Apostila 2, página 3.

É preciso lembrar que essa mesma sociedade que faz uma associação instantânea de menores negros com as drogas e com a marginalidade viu-se atingida ao ver um rapaz branco de classe média ter sua vida assolada pelo crack.

É necessário que esse tipo de propaganda preconceituosa e seletiva seja combatida, lembrando que o discurso publicitário reflete uma ideologia, geralmente da classe dominante, aquela que consome e detém o poder econômico, e que a sociedade pare para pensar sobre suas mazelas e se comprometa através de mobilização, debate, organização e pressão sobre o Estado em solucioná-las.

É preciso ter cautela, inclusive, como estas mobilizações serão realizadas, para que os debates de inclusão e reconhecimento¹⁵ não sejam apenas reprodutoras de um espaço excludente que aprisiona os jovens.

MEU GURI¹⁶

Chico Buarque

Quando, seu moço, nasceu meu rebento Não era o momento dele rebentar Já foi nascendo com cara de fome E eu não tinha nem nome pra lhe dar Como fui levando, não sei lhe explicar Fui assim levando ele a me levar E na sua meninice ele um dia me disse Que chegava lá Olha aí Olha aí Olha aí, aí o meu guri, olha aí Olha aí, é o meu guri E ele chega Chega suado e veloz do batente E traz sempre um presente pra me encabular Tanta corrente de ouro, seu moço Que haja pescoço pra enfiar Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro Chave, caderneta, terço e patuá Um lenço e uma penca de documentos Pra finalmente eu me identificar, olha aí Olha aí, aí o meu guri, olha aí Olha aí, é o meu guri E ele chega	Chega no morro com o carregamento Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador Rezo até ele chegar cá no alto Essa onda de assaltos tá um horror Eu consolo ele, ele me consola Boto ele no colo pra ele me ninar De repente acordo, olho pro lado E o danado já foi trabalhar, olha aí Olha aí, aí o meu guri, olha aí Olha aí, é o meu guri E ele chega Chega estampado, manchete, retrato Com venda nos olhos, legenda e as iniciais Eu não entendo essa gente, seu moço Fazendo alvoroço demais O guri no mato, acho que tá rindo Acho que tá lindo de papo pro are Desde o começo, eu não disse, seu moço Ele disse que chegava lá Olha aí, olha aí Olha aí, aí o meu guri, olha aí Olha aí, é o meu guri
--	---

No livro “Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade”, Bell Hooks, narra sua trajetória enquanto aluna, sua formação acadêmica e também sua atuação na sala de aula. Ela nos apresenta um texto com múltiplas reflexões sobre a Educação e como o educador e intelectual Paulo Freire contribuiu em sua formação intelectual. Ela nos fala de uma Pedagogia engajada em que qualquer educando é capaz de aprender através da prática educacional em busca da liberdade.

¹⁵ BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembléia. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019. p. 12.

¹⁶ BUARQUE, Chico. **O Meu Guri**. Disponível em: <http://vagalume.uol.com.br/>.

O ensinamento em que alunos possam transgredir as fronteiras que bloqueiam o aprendizado deles e com a ajuda de Paulo Freire ela desafiou o sistema da “educação bancária”, educação essa em que os alunos são atores passivos e que só recebem as informações, como se fossem “bancos” sem problematizar sua realidade.

Bell Hooks fala que:

“Quando a educação é prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo.”¹⁷

Educador pernambucano (1921-1997), que desenvolveu um sistema de educação popular e de transformação do indivíduo. Desenvolveu conceitos importantíssimos dentro da Pedagogia, tais como: Ensinar exige pesquisa, Não há docência sem discência, Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, Ensinar não é transferir conhecimento, Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando, Ensinar exige alegria e esperança.

Significa reconhecer que somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável.¹⁸

Considerações Finais

A partir deste ensaio pretendemos ampliar a discussão e instigar reflexões sobre uma educação efetivamente democrática e inclusiva, que é capaz de conferir mais autonomia aos professores, enquanto atores de difusão de saberes e pensamento crítico.

Toda essa reflexão crítica é fundamental para divulgar, reforçar e valorizar o ensinamento teórico e de pesquisa do Paulo Freire, que nesse ano de 2021, se estivesse entre nós estaria completando 100 anos de existência, sobre a prática pedagógica em que educar exige respeitar, gostar e querer bem aos educandos, bem como está disponível para o diálogo.

Neste sentido, incentivar essa troca crítica se mostra essencial ao acolhimento da população sem acesso e que se encontra abandonada, esquecida e negligenciada pelo poder públicos e pelo sistema educacional brasileiro.

Pelo exposto, a linguagem utilizada nas escolas, tanto entre os professores, como com os alunos, deve ser inclusiva, de modo a incentivar o pensamento livre e crítico de expressão das várias opiniões possíveis, afastando cada vez mais uma reprodução simplista dos estereótipos que aprisionam crianças negras e periféricas.

Referências

BUTLER. Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembléia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e

¹⁷ Hooks, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2019. P. 35.

¹⁸ Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007

Terra, 2007

Hooks, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo:WMF Martins Fontes Ltda, 2019

REBELLO, Kátia; Aula 1-Signos em Movimento: Mediação e Delineação da Experiência Humana (pp. 1-8) e O Signo: Delineador de Mundos (BAKHTIN E PEIRCE); Aula 2, 3 e 4.

Anexos Jornais

Revista Veja, Edição 1 155, Ano, 23 número 44, 7 novembro de 1990.

Filmes e Documentários

Justiça. Ano: 2004 . Direção: Maria Augusta Ramos.

Notícias de Uma Guerra Particular. Ano:1998/1999. Direção: João Moreira Salles eKátia Lund.

Uma Avenida Chamada Brasil. Ano:1989 Direção: Octávio Bezerra

Letras de Músicas

Pivete. Ano: 1978. Chico Buarque- Álbum Chico Buarque.

O Meu Guri. Ano: 1982. Chico Buarque- Álbum Almanaque.

UMA RÁPIDA VISÃO SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA INSPIRADA NA FICÇÃO ESPECULATIVA DE *BLACK MIRROR*

Jorge Moutinho Lima¹⁹

Resumo

O presente artigo trata da relação entre ficção e realidade utilizando como base a obra de ficção e o papel tanto de autores quanto de leitores. A realidade brasileira é destacada como objeto a ser analisado nessa perspectiva. Utilizou-se a produção cinematográfica *Black Mirror* para destacar alguns aspectos presentes nessa relação ficção x realidade.

Palavras-chave: leitura, realidade brasileira; ficção; realidade.

Resumen

Este artículo aborda la relación entre ficción y realidad tomando como base la obra de ficción y el papel tanto de los autores como de los lectores. La realidad brasileña se destaca como un objeto a analizar en esta perspectiva, se utilizó la producción cinematográfica *Black Mirror* para resaltar algunos aspectos presentes en esta relación ficción x realidad.

Palabras-clave: lectura, realidad brasileña; ficción; realidad.

Introdução

Em certas obras literárias, cinematográficas ou televisivas, o que é o real? O que é o ficcional? Tudo o que acontece pode ser o que se pensa, o que se imagina. Objetos e ações se apresentam nesses “mundos” conforme as situações criadas pelos mais diversos autores. A realidade é o que se pensa em determinado momento, a relação de causalidade passa a ser uma associação de ideias. É o mundo do “como se” (do “faz de conta”), que abre as portas para a ficção especulativa. A ficção mostra-se como um modo se colocar diante de um mundo real, contando com a cumplicidade do leitor para fechar a tríade com o vértice do imaginário. É o leitor quem mobiliza esses três elementos, conforme a concepção teórica de Wolfgang Iser (2013). Tem-se assim o ponto de partida para reflexões iniciais sobre a realidade brasileira com base numa visão que reúne meios de comunicação, política e educação, em trabalho que poderá ser desenvolvido tomando por base pesquisas na área dos estudos culturais, o que é entremostrado neste artigo, numa versão preliminar.

Quando o real se *desrealiza*

No modo fictício constituído pela relação dos elementos indicados na introdução, o real se “desrealiza” e o imaginário se “realiza”, ganhando uma determinação própria. É o que se vê em obras literárias de autores como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Adolfo Bioy Casares, Paul Auster, Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier e o precursor Miguel de Cervantes, com seu icônico *Dom Quixote*. Na área cinematográfica, pode-se citar *A rosa púrpura do Cairo* e *Zelig*, de Woody Allen, ambos os filmes caracterizados por essa fusão de camadas ou planos narrativos.

¹⁹ Doutor em Língua Portuguesa (UERJ); Mestre em Música (UNIRIO), Professor, Jornalista jorgemoutinholima@gmail.com

A fusão de elementos culturais é marca dos atuais tempos de globalização, num hibridismo que é o fulcro dos estudos de Canclini (2006). Este autor lembra que Mikhail Bakhtin, filósofo e teórico de estudos linguísticos, já usava o termo hibridação para caracterizar a coexistência, desde o princípio da modernidade, de linguagens cultas e populares. Canclini (2006, p. xix, grifo no original) entende por hibridação “*processos culturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas*”.

Nessa linha, a comunicação e a cultura podem ser analisadas levando-se em conta a inter-relação de aspectos culturais e políticos, em mediações constitutivas que caracterizam o arcabouço dos estudos de Martín-Barbero (2008). Entretanto, dissecar tais entrecruzamentos é proposta que está além deste texto, pois requer minuciosa avaliação de exemplos que reforçam tal visão, o que pode servir de fermento para futuros estudos e pesquisas. Por enquanto, para focarmos a série *Black mirror*, fiquemos com um conceito de Stuart Hall, figura de proa nos estudos culturais, para quem “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente (HALL, 2005, p. 13).

O ficcional como signo da realidade

Quando o ficcional transforma o imaginário em signo da realidade, a narração passa a ser mais importante do que aquilo que é narrado. Assim, na ficção especulativa, o processo narrativo é mais importante do que o produto narrado. E é “como se” o leitor assinasse um contrato consentindo em aceitar as regras do jogo.

A ficção especulativa não é mimética, realista. Assim como a comunicação estabelecida entre ela e o leitor, espectador, ouvinte, telespectador (estes dois últimos termos já um tanto fora de moda...) ou internauta. Como o próprio nome diz, ela “especula”, aventa hipóteses. Desenvolve-se de um modo quântico e fractal, podendo apresentar diversos níveis de problematização ao longo da narrativa. Arvora-se em mais de uma direção ao mesmo tempo. E o leitor/espectador joga com possibilidades de sua imaginação diante do(s) universo(s) proposto(s) pela obra com que se depara.

Um exemplo de ficção especulativa é a série de televisão *Black mirror*, que antecipa para o presente um futuro que já não é mais distante. Ao contrário do livro *1984*, de George Orwell, escrito em 1948 – o título original não foi dado ao acaso, invertendo-se os dois algarismos finais – e que mostrava um longínquo mundo – em termos temporais – caracterizado pela distopia, com um “grande irmão” controlando tudo e todos de modo totalitário, a série inglesa funde presente e futuro de modo original, mas sem a pecha de um futuro apocalíptico, marcado por hecatombes ou pelo juízo final. Ao longo dos episódios, mostra-se uma calamidade cotidiana, que tem por principal causa a ditadura da tecnologia e da interatividade que, de modo soberano, controlam, bloqueiam e impõem uma sociedade cada vez mais virtual e com relações humanas cada vez mais descartáveis.

Em *Black mirror*, os dilemas que vivemos em nosso dia a dia são projetados para um futuro próximo extremamente crível, cínico e cruel, capaz mesmo de aniquilar relações num piscar de olhos ou num simples clique de um minúsculo objeto. É a ficção especulativa mostrando como a realidade é complexa e pode ser múltipla, cheia de camadas. As coisas estão em movimento, temporal e espacialmente, aproveitando a inspiração heraclítica, e sempre pode-se “jogar um jogo” novo, em que pese o pleonasma. Ao contrário do que ocorre na ficção mimética, em que o “jogo já está jogado”.

O futuro, que era distante em 1984, já chegou em *Black mirror*. A interatividade exerce um papel preponderante nesse mundo de imediatismos. A “era global” de inspiração “macluhaniana” cedeu sua vez a um imediatismo sem fronteiras, sem tempo algum de espera. A comunicação é mais do que imediata. Ninguém consegue ficar mais do que poucos segundos sem saber se quem está no outro aparelho (antigamente, poder-se-ia dizer: “do outro lado da linha”) leu e comentou sua mensagem, sua foto, seu vídeo. No sistema cíclico alienador proposto pela série em tela, tudo é transformado em produto: sexo, drogas, o próprio ser humano. Trata-se de um sistema caracterizado por espécies de *selfies* que procuram traduzir medos, ansiedades e angústias de um presente que já está inserido no futuro e vice-versa. Universos permanentemente se desdobrando, que vão além do possível e chegam ao nível do compossível, de acordo com o conceito de Leibniz (1998). Ou seja, para que algo exista não basta que seja possível, filosoficamente é preciso que seja “compossível” com outras coisas que constituem o mundo real.

Considerações finais

Na ficção especulativa, entra-se no jogo diante de todas as possibilidades que possam ser apresentadas. Mais do que entregar respostas, ela propõe perguntas, reflexões. O que interessa é o jogo, a participação do leitor ou espectador. E o modo como se coloca diante desse jogo já constitui *per se* a proposta de um novo jogo.

Assim pode ser estabelecido um rápido paralelo entre a comunicação, a política e mesmo a educação nos dias de hoje, entre imediatismo, *fakenews*, (des)confiança nas fontes, negacionismos, riscos de vida ou de morte diante de uma questionada volta prematura às aulas, opiniões a mancheias para todos os lados, em que medir consequências se tornou artigo raro. Tempos de distopia, espécie de lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de opressão extrema, desespero ou privação. As velhas e boas utopias dos tempos românticos e idealistas de 64 cederam lugar a “antiutopias”.

Como se vê em *Black mirror*, é “como se” o presente e o futuro estivessem lado a lado, de modo quântico, fractal – pode-se especular. E a cumplicidade do espectador/cidadão é indispensável para tentar decifrar/interpretar os reflexos desse mundo que não pode prescindir de seu passado, assim como a de todos aqueles que estão vivendo essa realidade distópica pandêmica brasileira – com marchas e contramarchas que afetam o comportamento político nacional e especialmente a vida educacional, com essa conturbada e temida volta progressiva às aulas, diga-se uma vez mais, antes que toda a população esteja vacinada.

Na segunda década do século XXI, estamos todos ansiosos para que surja uma luz não necessariamente no fim mas do outro lado do túnel ou, para aproveitar uma vez mais a imagem da série que motivou a escrita deste artigo, desse tão “negro espelho”.

Referências

- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 31-56.
- LEIBNIZ, G. W. *Recherches générales sur l'analyse des notions et des vérités*. Paris: PUF, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. A comunicação a partir da cultura. In: _____ . *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 280-289.

EDUCAÇÃO, MÍDIA E TECNODEMOCRACIA²⁰ NA COMUNIDADE ESCOLAR

Marcelo Silveira Correia²¹

Resumo

O artigo discute sobre a necessidade atual da utilização dos meios tecnológicos como ferramentas disponíveis para ampliar o diálogo educacional na formação do sujeito/aluno, o que propicia outras e, novas experiências e vivências pedagógicas. Aborda a tecnodemocracia e a comunicação comunitária como algumas das formas que podem contribuir no processo educacional.

Palavras-chave: meios tecnológicos, diálogo, tecnodemocracia, comunicação comunitária.

Resumen

El artículo discute en la necesidad actual del uso de las maneras tecnológicas como herramientas disponibles de ampliar el diálogo educativo en la formación del sujeto/alumno, que aporta otras y nuevas experiencias pedagógicas. Aborda la tecnodemocracia y la comunicación comunitaria como algunas de las formas en que pueden contribuir al proceso educativo.

Palabras clave: medios tecnológicos, diálogo, tecnodemocracia, comunicación comunitaria.

Introdução

Atualmente, podemos observar claramente que a “vida virtual” inicia-se cada vez mais cedo. Desde antes da alfabetização, muitas crianças já começam a usar a internet, principalmente através do celular ou *tablet*. Essa realidade tem obrigado as escolas a se prepararem para receber esse novo perfil de sujeito/aluno. O avanço tecnológico fez aumentar a demanda por informações, e sua maior facilidade de divulgação através das redes sociais.

Ao refletir sobre contemporaneidade, podemos observar as várias possibilidades de narrativas relacionadas com a tecnologia, permitindo assim diversas formas de “narrativas comunicacionais” com interação direta ou indiretamente com a sociedade atual (principalmente em tempo de pandemia), utilizando das redes sociais via internet, tais como: *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, entre outras. As experiências em redes transcendem as questões de tempo, espaço e distanciamento, viabilizando trocas de informações em substituição dos espaços físicos, outrora preponderantes nas relações humanas, pelo ciberespaço.

Tal acontecimento propicia outras e novas vivências/experiências, no entanto se faz necessário pensar sobre os reflexos que atualmente ocorrem junto ao processo educacional. As influências, negativas ou não, desse processo que atravessa nosso cotidiano, que transversaliza nosso modo de vida carecem de uma busca conceitual que possa nortear o enriquecimento do conhecimento, assim como sua expansão no que se refere aos novos “caminhos” constantemente apresentados através das ferramentas e/ou plataformas de comunicação virtual. Faz tempo que o sistema educacional vem buscando se apropriar de mecanismos que possam dar conta das demandas relacionadas à educação.

²⁰ Tecnodemocracia é a disponibilidade técnica existente nas cidades e que esteja à disposição das populações.

²¹ Doutorando no PPG Mídia e Cotidiano/UFF.

Não seria o momento para refletirmos sobre a mídia e educação sobre outros enfoques? Segundo Monica Fantim (2008, p. 7):

Em diferentes contextos culturais a mídia-educação vem se construindo na escola e nas diversas instâncias da prática social, assumindo contornos diferenciados conforme o país e a cultura em que se insere. Conhecer algumas experiências permite refletir sobre sua presença-ausência na formação escolar e redefinir o papel da mídia-educação em nosso currículo. Na perspectiva escolar, observamos diferentes possibilidades de modelos da mídia-educação: integração curricular como disciplina autônoma, enfoque curricular com caráter transversal, e modelos mistos disciplinares e transversais, além de outras formas de experiências culturais.

Outras formas dialógicas participativas

Observa-se a necessidade de apresentar e introduzir a comunicação e as mídias na formação escolar, buscando associar também uma dialógica que dê conta, dentre outras, de uma comunicação participativa e inclusiva para além da formação do sujeito/aluno. Desta maneira podemos refletir sobre a Comunicação Comunitária, como sendo um dos “instrumentos viabilizadores” desse processo.

Saber a respeito do que ocorre em nosso bairro, cidade, ou comunidade (grupos) e interagir nas discussões já se tornou um aspecto preponderante do cotidiano. Somos “atravessados” diariamente por informações oriundas de grupos particulares, como também das mais diversas fontes de informação. Uma gestão pública participativa (comunitária) se revela fortemente um meio capaz de acrescentar resoluções oriundas das dificuldades enfrentadas no meio escolar, principalmente em tempo de pandemia. As redes sociais podem e devem ser instrumentos que viabilizem comunicações outras, possibilitando trocas de informações valiosas e auxiliadoras para um desenvolvimento educacional participativo.

A Comunicação Comunitária poderia contribuir nos processos comunicacionais (interloquções) de um determinado grupo - chamar atenção para os problemas enfrentados na rede pública de ensino, buscar soluções conjuntas etc. Comunicação Comunitária aliada às novas tecnologias pode e deve transformar a realidade de uma comunidade (operando junto aos sujeitos sociais de um determinado local) e contribuir junto ao processo evolutivo da “tecnodemocratização” das informações e da educação.

A informação digital serve para constituir ferramentas didático-pedagógicas e socioculturais que representem um aporte na construção de conhecimentos (saberes) que resultem na conquista da autonomia (protagonismo) por parte da sociedade que constitui a comunidade escolar.

Tecnodemocracia – uma postura pedagógica

Vale ressaltar que algumas pesquisas realizadas pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) - *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil* (TIC Domicílios) - em 2019 nos dão um panorama quantitativo da população brasileira quanto ao uso da internet; 70% da população brasileira estão conectados. O *Relatório Digital in 2019* aponta que a penetração da *internet* atingiu em 70% acima da média global de 57% e que 80% dos usuários de *internet* do Brasil navegam na *web* todos os dias. Ainda segundo o relatório 81% dos brasileiros com 13 anos ou mais estão ativos nas redes sociais, contra 58% em média no resto do mundo.

O *YouTube* é a rede mais utilizada no Brasil com 95 %, seguida do *Facebook* (90%), *WhatsApp* (89%) e do *Instagram* (71%). O quantitativo dos usuários tende a aumentar ao passar do tempo, inclusive junto às classes menos favorecidas (segundo o CGI.br). De acordo com Sousa, Borges e Colpas (2020, p. 159):

Com esse panorama, torna-se importante a construção de algumas competências midiáticas por meio da escola, no Brasil. Não sendo essa justificativa suficiente, é atrativa para os alunos a utilização das tecnologias na escola, podendo elas estimular a aprendizagem, principalmente por fazerem parte dos seus cotidianos.

Saber decodificar esses dados em prol da transversalidade educacional junto ao panorama atual não é tarefa fácil, afinal essas experiências não excluem outras, tampouco as substituem; em outras palavras, as atividades presenciais são e serão, a meu ver, insubstituíveis na formação do sujeito/aluno, todavia o aprofundamento de estudos que possam dar conta das demandas tecnológicas como ferramentas educacionais são um fato nos dias de hoje.

Tais práticas tornam o aprendizado uma forma de contribuir com a formação do sujeito/aluno e conseqüentemente tornam viáveis redes outras de comunicação, tornando o processo de conhecimentos, saberes e socialização um mecanismo dinâmico e factual.

Relações participativas junto ao processo educacional dos sujeitos/alunos assim como da sociedade em geral se faz relevante na construção dialógica comunicacional para uma dinâmica que viabilize vivências e experiências mais correlatas às demandas da educação, sem descartar outras tantas possibilidades de comunicação já há muito existentes. A relação humana (conjunto de interações que mantêm os indivíduos no seio de uma sociedade, que têm por base os vínculos existentes entre as pessoas e que têm lugar através da comunicação) deve ser considerada como uma potente conexão junto à Pedagogia Contextual Relacional. Essa interação “vislumbra” uma política educacional participativa de via dupla, constituinte e por consequência constituído, mas não “engessado”.

Conclusão

Acreditamos que a utilização de ferramentas que se apresentam disponíveis enquanto mecanismos para uma dialógica que possa dar conta das demandas educacionais sejam verdadeiramente eficazes tanto no que se refere às atividades internas quanto nos diálogos necessários com as comunidades ao entorno. Compreendemos como comunidades todos aqueles que fazem parte do processo, seja direta ou indiretamente no que se refere à participação juntos às escolas, colégios e instituições educacionais. Tais ferramentas (meios de comunicação) cujas formas podem se apresentar de maneira diversificada (informativos impressos ou virtuais, jornais educacionais impressos ou virtuais, rádios comunitárias, redes sociais via internet etc.) são instrumentos valiosos para uma comunicação de via dupla. Segundo Pierre Lévy (1999) o ciberespaço²² como um todo - não apenas a *Internet* – impacta a humanidade em diversos aspectos: no plano econômico, no científico, no estético, no pedagógico, na arte e na política. Este se apresenta de forma a corroborar com a dinâmica educacional, na qual a formação do sujeito é um dos pilares sociais de questionamentos e reflexões.

²² Termo criado por William Gibson no livro "Neuromancer", de 1984.

Referências Bibliográficas

CETIC.BR. *TIC Domicílios 2019. Principais Resultados*. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.

FANTIM, Monica. A mídia na formação escolar de crianças e jovens. In: INTERCOM. *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Natal, 2008. p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0529-2.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2021.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SOUSA, Galdino R. de; BORGES, Eliane M.; COLPAS, Ricardo D. Em defesa das tecnologias de informação e comunicação na educação básica: diálogos em tempos de pandemia. *Plurais*, Salvador, v. 5, n. 1, p. 146-169, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/8883/6016>. Acesso em: 14 ago. 2021.

PROFESSOR: DE MESTRE A ALGOZ

Mariana MoraesRodrigues²³

*“A educação é um ato de amor, por isso,
um ato de coragem.
Não pode temer o debate.”
Paulo Freire*

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o atual contexto social brasileiro, como terreno propício para a desconstrução do educador, além de realizar reflexões sobre a abertura das escolas em período de Pandemia.

Palavras-chave: Identidade do professor. Ensino híbrido. TIC. Educação libertadora.

Abstract

This article presents a reflection on the current Brazilian social context, as a favorable terrain for the deconstruction of the educator, in addition to reflecting on the opening of schools during the Pandemic period.

Keywords: Teacher's identity. Hybrid teaching. ICT. liberating education.

Introdução

Este artigo aborda a realidade vivida pela maioria dos docentes do Brasil, principalmente os da Educação básica. Historicamente, a classe coleciona batalhas travadas contra um sistema antieducacional, que utiliza a utopia do epílogo da Educação nacional como plataforma política. No entanto, nestes últimos dois anos, alguns acontecimentos ecoam no cenário de retrocessos nacional.

Em um contexto de desvalorização moral do professor potencializado pelo Programa Escola sem partido, nascido em 2004, e o processo de regulamentação do Programa de Educação domiciliar no Brasil pelo Governo Federal, as escolas foram fechadas devido à Pandemia COVID-19, tornando a inserção das Tecnologias da informação e comunicação em conjunto com a participação ativa das famílias no processo de ensino-aprendizagem, a única alternativa contra sua paralisação.

Os desígnios do Mestre

Há muito é conhecida a luta dos professores, principalmente da rede pública de ensino do Brasil, contra as desigualdades e por melhores condições de trabalho, recursos pedagógicos e estruturais para as crianças, jovens, adolescentes e adultos. Temerosos pelos estragos que podem causar uma educação libertadora ao sistema brasileiro, os ataques a estes profissionais ganharam larga escala, mirando primeiramente em seu patrono, Paulo Freire, ao qual creditam a autoria de uma suposta doutrinação marxista nas escolas. Concomitantemente, contra os docentes em geral, propagam-se ilações sobre condutas pedagógicas em ambiente letivo.

²³ Secretaria Municipal de Educação – Maricá/RJ.

Já em 1967, no livro “Educação com prática de liberdade”, Paulo Freire identificava o motivo da radicalidade adotada pela classe dominante da sociedade brasileira contemporânea:

“A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. Na medida em que vão se integrando com o seu tempo e o seu espaço e em que, criticamente, se descobrem inacabados. Realmente não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente. (FREIRE, 1967, p. 53)

Não interessa às minorias dominantes que a Educação abra as portas da dignidade a todos, é preciso manter esse tesouro nas mãos daqueles que merecem, seja por ter nascido em ambiente adequado ou superado os limites. Por isso, alimentar os discursos de meritocracia e negar as políticas de ações afirmativas revelam a intenção em manter a demarcação de espaços sociais bem clara: ricos e pobres cada um em seu devido lugar.

Há tempos a educação é palanque para promoção de planos de governos fictícios que nunca saem do papel. Na melhor das hipóteses, são implementados de forma deficitária para que não atinjam sua plenitude e dependam sempre de sua reinserção em novos projetos de governo que garantam a permanência longínqua de determinadas figuras em suas carreiras políticas, rendendo a muitos títulos de Defensores da Educação, para a qual existe até uma bancada no parlamento. A educação inclusiva é um exemplo de política educacional libertadora que fora implementada parcialmente e até hoje não atingiu sua plenitude devido a negligência de Gestores.

Desarticulada, a sociedade civil assiste ao desmanche do pouco que houvera construído com as lutas de outrora e os partidos de oposição, nos quais muitos depositaram confiança, não conseguem deixar de lado suas particularidades em prol de um projeto maior e seguem cada um em sua trincheira, lutando batalhas individuais e cada vez mais inexpressivas.

Informação x Formação

O advento da internet aumentou o raio de abrangência da informação agregando a ela a capacidade de interação, proporcionada pela instantaneidade, dentro e fora de redes sociais. Essa capacidade não era possível há vinte anos atrás, fato que nos leva a creditar o devido grau de importância merecido por essa tecnologia. Embora haja incontáveis fatores positivos, não podemos ignorar os retrocessos sociais. As informações veiculadas na rede não dependem de validação, como acontecia com os livros; as profissões extintas pela automatização abriram espaço para criação de novas, mas também deixaram muitos profissionais à deriva; a comunicação virtual substituiu, em muitos lares, as relações pessoais e com isso, muitos indivíduos desenvolvem patologias comportamentais que são diagnosticadas com muita clareza nos ambientes escolares. Por conseguinte, há grupos que, especializados nessa ferramenta, produzem informações falsas e tendenciosas, disseminando ódio, denegrindo imagens, desconstruindo conceitos e polarizando as relações em todos os âmbitos da sociedade.

Nesse cenário, a Educação básica está submetida a um processo de transformação delineado pela Pandemia da COVID-19, que desarticulou até os países melhores desenvolvidos. Surpreendidos pela chegada do vírus ao Brasil, os Governos Estaduais e Municipais fecharam as escolas “temporariamente”, vislumbrando um retorno em quinze dias. Com o avanço das mortes e a necessidade de manutenção do distanciamento social por um período desconhecido, o setor educacional recorreu à inúmeras tentativas para manter o processo de ensino-aprendizagem ativo.

Atividades pedagógicas em redes sociais, plataformas públicas, privadas, criação de grupos de troca de mensagens, vídeo aulas, jogos online, aulas ao vivo, apostilas impressas. Professores abriram suas casas, utilizaram recursos tecnológicos próprios, por vezes adquiriam equipamentos novos, na ânsia de alcançar os alunos que ainda não haviam chegado. Tantas foram as tentativas de manter o processo ativo que muitos professores se perderam pelo meio do caminho, seja pelo encontro com o vírus ou com a dura realidade de não conseguir realizar sua missão de educar em plenitude.

Na sexta aula do Curso de Extensão em Linguagem e Educação: formação política do professor e meios de comunicação, o professor Adilson Cabral, ao tratar do assunto: “Comunicação Comunitária e o Lugar da Escola” rememora a importância da rádio, em 1937, para a manutenção do processo de aprendizagem durante a pandemia de poliomielite e sua posterior contribuição à Educação. Introduzindo também a reflexão sobre os abismos criados pela adoção prioritária da educação virtual como solução ao processo ensino-aprendizagem durante a Pandemia COVID 2020-2021.

É pública e notória a distância criada entre os alunos das redes pública e privada durante o período de distanciamento social. Enquanto os primeiros estavam recebendo atividades impressas ou em redes sociais, os últimos já assistiam aulas online em tempo integral. No relatório *How Many Children and Youth Have Internet Access at Home?* (Quantas crianças e jovens têm acesso à internet em casa? – disponível somente em inglês) divulgado no site Unicef em dezembro de 2020. Disponível em: < <https://data.unicef.org/resources/children-and-young-people-internet-access-at-home-during-covid19/>>. Acesso em: 10 de ago. de 2021, é de 49% o número de Crianças de 3 a 17 anos sem acesso à internet em casa na América latina e Caribe.

Para solucionar esse “problema” social, entraram em cena os pensadores do novo tempo, em suas plataformas preferidas, apresentando a solução: Movimento Escolas abertas! Segundo informações contidas no site oficial do movimento, ESCOLAS ABERTAS. Escolas abertas, [S.I]. Página inicial. Disponível em: <<https://www.escolasabertas.com.br/>>. Acesso em: 10 de ago. de 2021:

“A manutenção das escolas fechadas causam danos de curto e longo prazo a toda uma geração e significa clara ameaça ao direito à educação das crianças e adolescentes. Dentre os danos causados destacaram: distúrbios alimentares, aumento da taxa de gravidez precoce, abusos e maus tratos, uso de drogas, violência, ansiedade e danos psicológicos, além do agravamento da defasagem pedagógica, das desigualdades sociais e redução da renda familiar.” (Escolas abertas, [S.I])

Obviamente, essa solução encontrou resistência da classe docente, principalmente pelo fato de não obtermos informações que garantissem a segurança das crianças, uma vez que a chegada da vacina era ainda uma arrepsia.

O ambiente escolar potencializa os riscos de contágio, principalmente quando consideramos a realidade da maioria das escolas públicas do país. Embora, a precariedade das estruturas físicas das Unidades escolares seja de domínio público, não houve nenhuma manifestação relativa a essa problemática. Mas, contraditoriamente foram responsabilizados os professores, que acusados de não quererem trabalhar, tornaram-se os gozados da educação em tempos de pandemia. O Deputado Federal Ricardo Barros afirmou em entrevista à CNN Brasil :

"É absurdo a forma como estamos permitindo que os professores causem tantos danos às nossas crianças na continuidade da sua formação(...) O professor não quer se modernizar, não quer se atualizar. Já passou no concurso, está esperando se aposentar, não quer aprender mais nada". (BARROS, Ricardo. Ricardo Barros: Entrevista [abr. 2021]. Entrevista concedida a CNN Brasil, dia 20 de abr de 2021. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/04/20/>> Acesso em: 10 de ago. de 2021.

Segundo o Professor Doutor Aroldo Magno, ao se referir à identidade do professor, enfoca que esta foi corroída ao longo da história para atender aos interesses dos grupos políticos e econômicos objetivando manter as classes dominantes e, atualmente, o intuito é retroceder ao modelo de professor que, única e exclusivamente, produz e transmite conhecimento. (MAGNO, In: EMAR, 2021. Vídeoaula 24/05/21)

Essa constatação nos remete novamente a Paulo Freire (1987), quando da definição de educação bancária. A ideologia libertadora de Paulo Freire agride os defensores da escola aberta, cívico-militar, sem partido, pois quando o indivíduo aprende a raciocinar e a problematizar a realidade torna-se um risco à classe dominante, que perde seu poder de manipulação.

Em resposta a “necessidade social” de reabertura das escolas, foram elaborados independentemente pelas Gestões Municipais, Planos de retornos híbridos, cheios de lacunas, mas com a resposta política esperada pela maioria do eleitorado: “Agora os professores terão que trabalhar”.

Independentemente de qualquer outra vertente, todo professor esperava ansioso pelo retorno à escola, mas com segurança para todos. O ensino remoto trouxe trabalho extra, horário de trabalho flexível, estavam à disposição a todo tempo, afinal muitas famílias só tinham os finais de semana para executarem as tarefas com os alunos. Inúmeras vezes foram psicólogos, as mais de 500.000 vítimas da COVID-19 ganhavam nomes e rostos do outro lado das telas, telefones ou trabalhos impressos que eles recebiam. Eram pais, mães, avós, avôs, tias, tios, os próprios alunos e até mesmo os professores.

Considerações Finais

Os riscos de contaminação são uma preocupação, mas antes o dano causado a educação é o maior temor dos educadores. O processo ensino-aprendizagem quebrado não é um problema simples que se resolve apenas com a abertura das escolas. O ensino híbrido foi escolhido como ferramenta de continuidade, mas como continuar algo que nunca fora começado? Como continuar em tempos de recomeço?

Em um novo tempo, sob o contexto de ensino híbrido, alunos não se reconhecem mais no ambiente escolar, o medo assombra a realidade de muitos que perderam entes queridos; a interação, comunicação, diversão de estar em conjunto com aqueles que vivem o mesmo momento acadêmico e social, deu lugar à regras de distanciamento que dissemina o medo por cuidado aos seus amados que não querem ver tornar-se números nesse saldo negativo que contabilizamos nos últimos dezessete meses.

Assim, professores comprometidos, buscam soluções adequadas às realidades encontradas e, mesmo sem as condições ideais, estão na linha de frente de batalha encarando o maior inimigo da sociedade: a desinformação.

Referências

- Comunicação comunitária e o papel da escola. Docente: Adilson Vaz Cabral Filho. Curso de Extensão Linguagem e Educação: formação política do professor e meios de comunicação. Produção: Escola Municipal de Administração - EMAR - Direção: Maria Inez Pucello. Coordenação Geral: Prof. Dr. Aroldo Magno de Oliveira, 2021. Aula online 6/10.
- Comunicação comunitária e o papel da escola. Docente: Adilson Vaz Cabral Filho. Curso de Extensão Linguagem e Educação: formação política do professor e meios de comunicação. Produção: Escola Municipal de Administração - EMAR - Direção: Maria Inez Pucello. Coordenação Geral: Prof. Dr. Aroldo Magno de Oliveira, 2021. Aula online 6/10.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade n° ed. 1405. Rio de Janeiro/RJ: Editora Paz e Terra, 1967.
- United Nations Children’s Fund and International Telecommunication Union, “How many children and young people have internet access at home? Estimating digital connectivity during the COVID-19 pandemic.” UNICEF, New York, 2020. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/children-and-young-people-internet-access-at-home-during-covid19/>. Acesso em: 10 de ago. de 2021
- ESCOLAS ABERTAS. Escolas abertas, [S.I.]. Página inicial. Disponível em: <https://www.escolasabertas.com.br/>. Acesso em: 10 de ago. de 2021
- BARROS, Ricardo. Ricardo Barros: Entrevista [abr. 2021]. Entrevista concedida a CNN Brasil, dia 20 de abr de 2021. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/04/20/> Acesso em: 10 de ago. de 2021.
- Movimento Escolas Abertas quer volta presencial das aulas em SP: Grupo cobra revisão de decisão judicial desta quinta-feira (28) que suspendeu o retorno presencial dos estudantes no estado. In. Educação do R7 28/01/2021 - 22H56 (ATUALIZADO EM 28/01/2021 - 23H03). Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/movimento-escolas-abertas-quer-volta-presencial-das-aulas-em-sp-28012021>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.
- Ministério Público faz novas recomendações à prefeitura para retorno às aulas presenciais: Em maio, o MP já havia ajuizado uma ação civil pública contra a prefeitura, para obrigar o Executivo a apresentar protocolo para retorno das aulas presenciais. In. G1 Minas – BeloHorizonte 15/07/2021 - 18H55 (ATUALIZADO HÁ UM MÊS). Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/07/15/ministerio-publico-faz-novas-recomendacoes-a-prefeitura-para-retorno-as-aulas-presenciais.ghtmlZ>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.
- Grupo manifesta pelo retorno das aulas presenciais em Juiz de Fora: Pais e alunos foram até a frente da Câmara Municipal e exigiram a volta das atividades de forma híbrida. Reportagem procurou a Prefeitura. In. G1 Zona da Mata 07/08/2021 - 15H19 (ATUALIZADO HÁ UMA SEMANA). Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/08/07/grupo-manifesta-pelo-retorno-das-aulas-presenciais-em-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.

DIREITOS HUMANOS, DEMOCRACIA E COMUNICAÇÃO

Sérgio Luiz de Oliveira Mesquita²⁴

Resumo

A partir da influência dos meios de comunicação e das redes sociais, é possível provocar uma discussão sobre como o profissional da Educação deve se preparar, em especial aquele que frequenta a sala de aula, para não cair nas armadilhas da mídia, das redes sociais e do retorno do “macarthismo”ⁱ. Mas, a partir do dia a dia, como apresentado nos textos e falas de vários autores e pensadores disponibilizados na Aula. Saindo do “quadrado” dos conceitos pré-definidos, no caso Direitos Humanos, Democracia e Comunicação, priorizando a vivência do dia a dia, da interpretação dos fatos e seus “links” com os conceitos existentes. Desmontando as novas conceituações fabricadas na mídia e nas redes sociais, no interesse das grandes corporações imperialistas, o que nos leva ao questionamento: vivemos em uma democracia?

Palavras-chave: Leitura, meios de comunicação; comunicação; democracia.

Resumen

A partir de la influencia de los medios y las redes sociales, es posible provocar una discusión sobre cómo deben prepararse los profesionales de la Educación, especialmente los que asisten al aula, para no caer en las trampas de los medios, las redes sociales y el regreso de “Mcarthismo”. Pero desde la vida cotidiana, como se presenta en los textos y discursos de varios autores y pensadores disponibles en el Aula. Saliendo del “cuadrado” de conceptos predefinidos, en el caso de Derechos Humanos, Democracia y Comunicación, priorizando la vivencia diaria, la interpretación de los hechos y sus “vínculos” con los conceptos existentes. Desmantelando los nuevos conceptos fabricados en los medios y redes sociales, en interés de las grandes corporaciones imperialistas, lo que nos lleva a la pregunta: ¿Vivimos en democracia?

Palabras clave: Lectura, medios; Comunicación; democracia.

Introdução

Erik Hobsbawmⁱⁱ, em seu livro “Globalização, Democracia e Terrorismo”, publicado em 2007, pela Editora Companhia das Letras, abre discussão sobre o conceito de democracia e as democracias de fato “instaladas” no dito mundo ocidental, citando como exemplo as democracias colombiana, africana do sul e a ucraniana. A Colômbia, o único país do Cone Sul, essencialmente democrático, com alguns espasmos de caudilhismo e militarismo, segundo o autor. Mas, o país com o maior número de mortes e população desalojada na segunda metade do século XX. A África do Sul era uma democracia que excluía do processo democrático a sua população negra, imensa maioria. A Ucrânia se democratiza ao custo da perda de 2/3 de seu PIB, empobrecendo sua população. Recentemente, a perda da Criméia como país filiado a Rússia (plebiscito em 2014), levou o presidente Obama a apoiar os neonazistas eleitos na Ucrâniaⁱⁱⁱ. A partir destes exemplos, Hobsbawm passa a questionar a democracia (conceitualmente) no sistema capitalista como um todo.

²⁴ Subsecretário, Secretaria de Educação de Maricá-RJ, slomesquita@gmail.com

Através da percepção apresentada pelo Hobsbawm, podemos identificar uma série de outros pensadores/autores, que pensaram ou pensam as questões ligadas aos Direitos Humanos, à Comunicação e à Democracia, na mesma linha do Hobsbawm. Há vários textos de referência nesta linha, com foco em autores como Erik Hobsbawm e José Saramago^{iv}. Também foram incluídos Eduardo Galeano, Umberto Eco, Ariano Suassuna, Hannah Arendt, Papa Francisco, entre outros, que somados a uma lista de filmes e documentários, justificam o questionamento colocado. Trazendo para a realidade brasileira, arrisco o seguinte questionamento: vivemos em uma democracia?

Argumento

O sistema capitalista, através de seus tentáculos, em especial àqueles ligados à Mídia e às Redes Sociais, deturpa conceitos enraizados, provocando questionamentos ou mesmo a inversão destes conceitos, em prol dos interesses financeiros e políticos (nesta ordem) dos grandes conglomerados. Hoje, o sistema passa por mais uma crise, que o leva a uma nova transição, esta do capitalismo financeiro para o da vigilância, segundo Agabem^v, em seu polêmico artigo “A Invenção da Pandemia”. Principalmente após a ONU abrir discussão sobre a implantação do “chip” de identificação digital - ID2020^{vi}. Os governos “democráticos” ou não perceberam com o surgimento da pandemia da COVID-19, a facilidade com que os “lockdowns” “enclausuraram” milhões de pessoas. Que se “chipadas” com o ID2020, adaptado em Passaporte e Carteira de Saúde (nomeando os fabricantes das vacinas – guerra comercial/ideológica), poderia ser uma grande ferramenta de controle das massas e de localização de indivíduos. Uma das facetas da vigilância, a outra, é o “macartismo” e as consequentes desconfianças e delações. Pais e alunos denunciando e ameaçando professores/as.

No caso do Brasil, assistimos a um processo de destruição massiva em relação à Educação, em especial à Educação Pública. Cortes de verbas, mudanças nas Leis Trabalhistas, achatamento salarial, pressões políticas aplicadas diretamente aos educadores e gestores, enfim uma guerra aberta e direta, sem intermediários, a favor do sucateamento da Educação. O “mote” está na possível incapacidade dos/das educadores/as e das metodologias aplicadas, com discursos inclusive a favor do fechamento de escolas. Defendem o ensino em casa através de tutoria, como se a maiorias estudantes fossem filhos de lordes e reis. Movimentos como o “Escola sem partido”^{vii}, sem qualquer fundamento teórico que o justifique para além do político, apresentam um crescimento massivo, de “gado” e criam problemas para o conjunto de professores/as, com certo “carinho” para com os da área de humanas. Reproduzem em pleno século XXI, práticas da Idade das Trevas, da Idade Média, renegando a ciência a favor de seitas religiosas, combatendo a vacinação em meio a pandemia e estão convencidos que a Terra é plana. É neste contexto que nossos mestres/as e amantes da educação, iniciam e terminam seu dia de labuta, de aprendizado e troca de conhecimentos, sendo atacados pela mídia, pelas redes sociais e por um governo obscuro e incompetente para com a coisa pública.

Por outro lado, o processo que no Brasil parece mais desumano e perverso, não é único. Vários países no mundo estão passando pelo mesmo. Forças nazifascistas reaparecem na ultradireita e passam a conquistar espaços na sociedade, cadeiras nos parlamentos e na presidência, como citado anteriormente.

Outro problema está no “vício” de sermos muito bons para fazer análise e identificar problemas, e só apresentarmos soluções paliativas, que não mexem na engrenagem causadora dos mesmos. Recentemente, a antropóloga Valéria Brandini^{viii} expõe esta situação em palestra do “HackInverno”, realizado pelo grupo RenaSCidade^{ix}, com o tema “O Brasil tem Futuro?”. Valéria nos fala que antes de pensarmos o futuro devemos conhecer bem a nossa história para não ficarmos rediscutindo problemas há muito identificados e não resolvidos a contento. Apresenta exemplos como: no final do século XIX, discutiu-se o desemprego por conta das máquinas a vapor, hoje repetimos a mesma discussão por conta dos robôs e da Inteligência Artificial – a Tecnologia avançou, as soluções não; há oitenta anos a Escola de Frankfurt^x, no pré Segunda Guerra, discutia a atuação da mídia na formação de Estados Totalitários, hoje, discutimos o mesmo problema com a inclusão das redes sociais; nos anos cinquenta, nos EUA, e setenta no Brasil, discutia-se a má influência da tela da televisão nas crianças, hoje é a tela do celular. Discute-se que o ensino nas universidades deve mudar, mas parece que a “tradição” é mais forte... No geral não se apresentaram ou tentaram resolver as raízes dos problemas, trabalhou-se em suas consequências, não nas causas. Mais ou menos o que acontece na área da Saúde e os interesses das “big farms”^{xi}. Trata-se os sintomas da doença, seus alertas, não suas causas. O sistema agradece, os negócios da Educação agradecem e a vida degrada.

Para esperar

No mesmo “Hack Inverno”, citado anteriormente, o Prof. Dr. Lawrence Koo^{xii}, atualmente na PUC-SP, nos fala que o Brasil, com seus mais de 200 milhões de pessoas, tem tudo para ser um país líder em inovação. Hoje somos o segundo consumidor de inovação e estamos acima da sexagésima posição no “ranking” dos produtores de inovação. Historicamente uma Educação classificada como “bancária” e em processo de sucateamento. Mesmo assim, apesar de poucas pessoas com melhores condições de estudo e acesso à Universidade, criamos a EMBRAPA, a PETROBRAS e a EMBRAER, todas empresas líderes em seus ramos de atuação. Líderes nos negócios, mas, principalmente, na capacidade tecnológica e de inovação. Imaginem um Brasil, com muito mais pessoas desfrutando de uma Educação de qualidade, e com grande capacidade criativa – o brasileiro precisa ser estudado pela NASA, dito popular. De minha parte, incluo na lista do Prof. Lawrence a FIOCRUZ.

Em relação as universidades, existe um movimento, conhecido na UNICAMP como “Tecnociência”^{xiii}, onde cursos da área de “não humanas”, como burila o Prof. Dr. Renato Dagnino da UNICAMP, buscam a interdisciplinaridade com os cursos da área de “não exatas”. As Universidades Federais de Santa Maria-RS, Santa Catarina-SC, a Fluminense e a do Rio de Janeiro-RJ, a UNICAMP-SP e outras tantas, buscam a humanização de seus cursos e dos seus graduandos. Trazem para o interior de suas disciplinas o mundo real, as comunidades para além das áreas nobres. Uma estratégia que sofre ataques do sistema e da “tradição” da grade curricular. A insistência e resistência têm rendido bons resultados e avanços. Como exemplo, temos o curso de Medicina de Cuba, onde seus alunos passam parte de seu aprendizado nas comunidades e áreas rurais. Os exemplos acima poderiam ser muito bem adaptados aos cursos de formação de professores/as. Profissionais que, por essência são humanizados, não deveriam passar por resistências em relação à modificações nas grades dos cursos, mas elas existem.

Em relação ao Ensino Médio e Fundamental, a regra é a falência do ensino, as exceções são alguns municípios e estados com algum diferencial e algumas escolas municipais e estaduais também diferenciadas. Escolas comemoradas, premiadas, mas exceções a regra. Não faz parte do sistema uma educação pública, de qualidade e inclusiva. Basta ler as intervenções do atual Ministro de Educação para comprovar.

Maricá, no Estado do Rio de Janeiro, começa a despontar por conta de suas políticas sociais e a integração delas com a Educação, Esportes e o Trabalho. Mas mexer no currículo ainda é um tanto quanto tabu. O contraturno, por sua vez, está cada vez mais badalado e com resultados internos e externos importantes. Mas, por não estar incluso na grade, basta uma mudança de política e tudo pode se acabar.

Em Maricá, entre os vários projetos em execução, o Mumbuca Futuro talvez seja o que mais vai de encontro à política da meritocracia e do individualismo, uma “ode” ao egoísmo. Crianças do Ensino Fundamental e Médio, por adesão, participam do projeto ligado à Secretaria de Direitos Humanos, que trabalha a Economia Solidária o Cooperativismo e a Solidariedade. Durante o curso, as crianças recebem cinquenta Mumbucas mensalmente (moeda social local, que só circula no Município), e a cada ano aprovado, mil Mumbucas depositadas em uma Caderneta de Poupança. Ao se formar no Ensino Médio, o agora adolescente tem a sua disposição uma verba para usar em seu curso universitário ou montar uma cooperativa. A essência do projeto pode ser resumida na vida em comunidade e solidária na busca da abundância. Na contramão do que prega o sistema capitalista é individual e depende da escassez para movimentar sua máquina. Outro projeto é o “Novos Pesquisadores”, da Ciência e Tecnologia em parceria com a Educação. Alunos/as do Fundamental (nono ano), do Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos, com a orientação de um professor/a ou Orientador/a Pedagógico/a ou Educacional, escreve um artigo sobre o município. Os três primeiros lugares de cada segmento (Fundamental e Médio), professor e aluno, recebem a mesma premiação, um “Notebook” turbinado. Um projeto de incentivo à pesquisa e ao pertencimento. O Passaporte para o Futuro, onde a Prefeitura financia até 100% de bolsa para que o município curse uma faculdade, tem por objetivo a crescimento local e da formação de mão de obra para o futuro Parque Tecnológico e projetos como o Porto de Jaconé e outros. A Secretaria de Esportes também investe em projetos na Educação, atingindo bons resultados, inclusive com premiações internacionais.

As possibilidades de resistências são muitas e diversificadas. Pessoalmente, cada educador/a ou munícipe pode “dar” a sua parcela de contribuição, independente de sua área de atuação. Alguma leitura ou busca no “Google” e similares, podem nos fornecer muita munição para o “combate” às “fake news” e a mídia corporativa. Não é uma luta entre iguais, mas de guerrilha, uma vez que os financiadores do “armamento” deles (mídia, robôs, etc.) não nos querem vitoriosos. Hobsbawm, Saramago e os demais pensadores, apresentados na Aula 2, nos fornecem a ideia e a munição para a quebra de seus argumentos, bem como da falta deles.

Conclusão

Apesar de a situação atual ter nos levado a descobrir que, o fundo do poço possui níveis de subsolo, não podemos deixar de esperar, como nos ensinou Paulo Freire. Digo que, para retornamos à situação de 2014, tamanho o estrago até o momento deverá levar no mínimo uns vinte anos, para sair do poço. Somente depois, começar a recuperar o tempo perdido. Mas se não começarmos...

A história já se conhece, se vamos repeti-la é outro problema, ou farsa, como nos ensinou Marx^{xiv}. Valéria Brandini nos ensina que devemos parar de só pensar no futuro. Caso queiramos melhorar a vida das próximas gerações, que comecemos agora a arrumar a casa. Pegar o problema de hoje resolvê-lo hoje, se não, melhorá-lo para que a próxima geração de continuidade. Caso contrário, continuaremos a discutir os malefícios da tela, o desemprego pela tecnologia e o fortalecimento dos Estados Totalitários, mais e mais vezes.

Quando falo a jovens, os aconselho a darem como resposta a frase “você são o futuro do Brasil”, uma bela “banana” e a fazer a pergunta: “qual a herança você estão nos deixando?” Pois sem herança, sem um rastilho de caminho, de direção, o futuro não passará de uma data que virou um presente, uma farsa.

Délcio Teobaldo^{xv} nos indica uma das estratégias para o hoje, que gosto de incluir nos textos e ter como prática: **“Transformar em imperdoável o que hoje é aceitável”**. Por que o negro é traficante e bandido, e o “play boy” da Classe Média é usuário e comete desvio de conduta? Por que em plena pandemia temos bares abertos até a madrugada com música ao vivo? Porque temos que importar gasolina em dólar, se temos condição de produzir a nossa? Por que Educação deixou de ser investimento e virou bem de consumo?

Apresentar questionamentos como esses, sabermos as respostas e os porquês delas, é a guerra de guerrilha, é lançar sementes para o amanhã, deixar heranças para nossos filhos e netos. À Luta.

Há braços.

ⁱ Macarthismo: Termo criado após aprovação de Lei anticomunista pelo senador dos EUA, Joseph McCarthy (1908-1957), durante a Guerra Fria. Passou a denominar atos e práticas de delações infundadas e perseguições políticas;

ⁱⁱ Eric Hobsbawm (1917-2012): autor de vários livros, entre eles Globalização, Democracia e Terrorismo;

ⁱⁱⁱ Bandeira, Luiz Alberto Moniz. A Desordem Mundial – o espectro da total dominação. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira 2018 (5ª Edição). Cap 17, p 305;

^{iv} José Saramago (1922-2010): escritor português ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1998;

^v Giorgio Agambem, filósofo italiano estudioso do Estado de exceção;

^{vi} ID2020 – Digital Identity Alliance: Consórcio Público Privado (ONG), que trabalha com a ONU na dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Busca a implantação de um “chip” de identidade em caráter mundial;

^{vii} Escola sem Partido: movimento fundado em 2004, defende práticas macarthistas nas escolas, ataca Paulo Freire, patrono da Educação brasileira, defende o ensino em casa em detrimento da escola;

^{viii} Valéria Brandini: Graduada em Ciências Sociais, modalidade Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (1995), Mestre em Ciências da Comunicação com ênfase em Publicidade e Propaganda, na Linha de Pesquisa Arte Publicitária e Produção Simbólica, pela Universidade de São Paulo (1998), com Bolsa FAPESP, Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo com Bolsa FAPESP em convênio com a Università La Sapienza (pesquisa realizada com bolsa de doutorado sanduíche da FAPESP) (2003). Pós Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, (2013 - 2015). Pesquisadora do Grupo GESC3, Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo, certificado pelo CNPq (2007);

^{ix} RenaSCidade: Grupo criado em 2019, no HackTown de Santa Rita do Sapucaí-MG. Formado por um grupo de pessoas que adotam governança “holocrática” para repensar os modelos das cidades, criando e divulgando experiências e projetos.

^x Escola de Frankfurt: Surgida após a Primeira Guerra foi uma escola de pensamento filosófico e sociológico, filiada ao Instituto de Pesquisa Social, que nasceu como um **projeto de intelectuais vinculados à Universidade de Frankfurt**, inovando na teoria marxista, sociológica e política;

^{xi} “Big Farms”: Grandes indústrias e conglomerados da produção de remédios alopáticos, em sua maioria;

^{xii} Laurende Koo: graduado em Engenharia Mecânica pelo ITA - Instituto Tecnológico de Aeronáutica (1972), Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CAPES 5) - 2006, Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CAPES 5) - 2011, Pós-doutorado na ECA-USP no Programa de Pós-

Doutorado Relações Públicas, Propaganda e Turismo - 2013, Pós-doutorado em Inteligência Artificial pelo Programa TIDD Tecnologia da Inteligência e Design Digital - PUCSP/SP, Pós-graduação Lato Sensu em Administração pela FGV/CEAG - 1978, Especialização em Marketing Analysis and Planning pelo The Wharton School - University of Pennsylvania – 1994;

^{xiii} Seminário: Como incorporar a tecnociência solidária à política de inovação da Unicamp? Disponível em: <<https://www.eco.unicamp.br/eventos/seminario-como-incorporar-a-tecnociencia-solidaria-a-politica-de-inovacao-da-unicamp>>;

^{xiv} **Karl Marx (1818-1883): Sociólogo, Filósofo, Historiador e Economicista, autor do “O Capital” e a frase “A História acontece como tragédia e se repete como farsa”;**

^{xv} Delcio Teobaldo (1953 – 2021): mineiro de Ponte Nova radicado em Maricá, foi jornalista, escritor premiado, músico, roteirista, diretor de cinema e teatro premiado;

Referências Bibliográficas

AGUILLERA, Fernando Gómes. *Palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *A Desordem Mundial*. São Paulo: Civilização Brasileira. 2016

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

MESQUITA Sérgio. *Conjuntura Brasileira a partir de uma visão Freiriana*. In Paulo Freire e as Fake News. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019. p. 267.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A Desordem Mundial – o espectro da total dominação*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira 2018 (5ª Edição).